

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Letras**

**O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível?**

**Janaína Nazzari Gomes**

**Porto Alegre, 15 de dezembro de 2011.**

**Janaína Nazzari Gomes**

**O enunciador em língua estrangeira: uma constituição possível?**

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção do grau de Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Setor de Francês.

Orientadora: Luiza Milano Surreaux

Porto Alegre, 15 de dezembro de 2011.

*Um especial agradecimento à minha mãe, que me possibilitou os primeiros – e decisivos – contatos com o conhecimento.*

## AGRADECIMENTOS

Não é tarefa fácil a de escrever sobre processos que interpelam também aquele que escreve. Faz-se necessário muita escuta e momentos de partilha para tentar afastar o objeto de estudo de si e produzir algo que possa ter sentido para a sociedade.

Pelo apoio teórico, pela paciência, pelo diálogo e pela insistência de autonomia, traduzida pela expressão “É o teu trabalho!”, agradeço à Luiza Milano Surreaux, que aceitou orientar-me nesse mundo nebuloso da relação entre sujeito e língua estrangeira.

Agradeço também aos professores Valdir do Nascimento Flores, Carmem Luci da Costa Silva, Paola Felts Amaro, Beatriz Gil, Márcia Ivana de Lima e Silva, Sabrina Pereira de Abreu, Patrícia Ramos Reuillard, cujo conhecimento compartilhado permitiu-me importantes reflexões sobre a língua e sobre o ser humano.

Um especial obrigada ao glorioso professor Neis, cujas contribuições ao projeto de extensão *Grupo de estudos sobre fonética do francês* foram essenciais para o desenvolvimento do projeto e deste trabalho.

À ex-colega Cristina Alencar, com quem não tenho mais contato, que viveu comigo as dúvidas e as descobertas sobre a fonética do francês.

Ao *Centre de la francophonie des Amériques*, un grand merci por me proporcionar as três vivências em território francófono, condição fundamental para a elaboração deste trabalho.

Um muito obrigada ao meu companheiro Tanam Alves Hennicka, que, com sua arte fotográfica, sempre insistiu em demonstrar a máxima segundo a qual é o ponto de vista que cria o objeto.

Pela leitura e pelas opiniões, agradeço às amigas Josiane de Nardi, Ana Laura Kunde e Taise Martini com quem dividi muitas inquietações didáticas e existenciais.

Agradeço, ainda, à professora Mylène Tremblay, com quem muito conversei sobre a língua francesa durante o inverno negativo da cidade de Québec.

Um muito obrigada ao Michel, cujos dizeres em língua francesa foram essenciais para suscitar este trabalho.

Obrigada, também, a meus alunos, que me permitem descobrir como é belo o universo das segundas, terceiras, quartas, ..., línguas de significação.

Pela leitura e correção dos resumos, agradeço à Myriam Paquet-Gauthier, quebequense que já é um pouco brasileira.

Por fim, reconheço, aqui, a importância de haver, da parte do Estado brasileiro e, especialmente, do Governo Federal, grande comprometimento com a educação superior, o que, com certeza, foi responsável pela alta qualidade da formação que tive.

“Falar é sempre navegar à procura de si mesmo (...). Não é raro que esse navegar mude de direção.”

Christine Revuz

## RESUMO

O processo de apropriação de língua estrangeira não raro é estudado a partir dos erros que aprendizes apresentam ao tentarem expressar-se nessa outra língua. Neste trabalho, concebemos o dizer do sujeito e aquilo que não é dito conforme a regularidade da língua-alvo como fonte para compreender o processo de apropriação dessa língua, que já nasce sob a égide de uma outra – a materna – e de um sistema simbólico constituído – a linguagem. A partir do questionamento acerca da possibilidade ou impossibilidade de um sujeito apropriar-se de outra língua tal como apropria-se da língua materna, analisamos, mediante produções de um brasileiro aprendiz de francês, o valor da língua materna para o sujeito, que é a primeira língua que inscreve o sujeito no mundo. Posteriormente, tentamos compreender o impacto que a língua estrangeira exerce na estrutura linguística já constituída da língua materna, sendo este impacto uma das razões pelas quais faz-se difícil apropriar-se de uma língua estrangeira. Na sequência, refletimos sobre o papel da cultura como instância que, a um só tempo e dialeticamente, imbrica língua, sociedade e indivíduo que se enuncia. Valemo-nos dos escritos saussurianos viabilizados no Curso de Linguística Geral para delimitar os conceitos de língua/fala – respectivamente objeto da apropriação e meio de expressão – e também da abordagem enunciativa elaborada por Émile Benveniste, que, com a concepção de subjetividade na linguagem, possibilitou-nos vislumbrar a singularidade constitutiva de cada tentativa de apropriação de língua estrangeira. As contribuições dos professores Daniel Heller-Roazen e Carmem Luci da Costa Silva e da psicanalista Christine Revuz auxiliaram-nos, igualmente, na compreensão dos desafios que se apresentam ao aprendiz na sua tentativa de reivindicar-se sujeito em língua estrangeira.

Palavras-chave: apropriação, enunciação, língua estrangeira, língua materna

## RÉSUMÉ

Le processus d'appropriation d'une langue étrangère est fréquemment étudié d'après les erreurs présentées par les apprenants lorsqu'ils tentent de s'exprimer en cette langue. Dans ce travail, nous prenons le dire du sujet et ce qui n'est pas dit selon la régularité de la langue-cible comme point de départ pour comprendre le processus d'appropriation de la langue étrangère, qui se fait en relation à une autre langue – la maternelle – et à un système symbolique constitué – le langage. À partir du questionnement quant à la possibilité ou à l'impossibilité pour un sujet de s'approprier d'une langue étrangère tel qu'il le fait avec sa première langue, nous analysons, d'après les productions d'un Brésilien apprenant le français, la valeur qu'a la langue maternelle pour l'individu qui la parle, soit la première langue qui inscrit le sujet dans le monde. Par la suite, nous essayons de comprendre l'impact que la langue étrangère exerce sur la structure linguistique déjà constituée de la L1 et finalement, nous réfléchissons au rôle de la culture en tant qu'instance impliquant, à la fois et de manière dialectique, la langue, la société et l'individu qui s'énonce. En ce qui concerne les apports théoriques, nous nous servons de l'oeuvre de Ferdinand de Saussure – Cours de linguistique générale – qui présente les concepts de langue et de parole, étant respectivement l'objet de l'appropriation et le moyen d'expression, et aussi de la perspective énonciative élaborée par Emile Benveniste, dont la conception de subjectivité dans le langage nous a permis d'envisager la singularité inhérente à chaque tentative d'appropriation d'une langue étrangère. Nous pouvons citer également les contributions des professeurs Daniel Heller-Roazen et Carmem Luci da Costa Silva et de la psychanalyste Christine Revuz qui nous ont assistées dans la compréhension des défis qui se posent à l'apprenant lorsqu'il essaie de se revendiquer sujet en langue étrangère.

Mots-clés : appropriation, énonciation, langue étrangère, langue maternelle



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 A PROBLEMÁTICA .....	14
2 O SUJEITO E SUA PRIMEIRA LÍNGUA DE SIGNIFICAÇÃO .....	19
2.1 A exceção a este valor .....	26
2.2 As enunciações de Michel .....	27
3 O IMPACTO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA LÍNGUA MATERNA .....	31
4 O PAPEL DA CULTURA NA APROPRIAÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA .....	35
4.1 O signo linguístico na cultura .....	35
4.2 Língua e sociedade na cultura .....	38
4.3 O sujeito na cultura .....	40
4.4 Sujeito e língua estrangeira na cultura .....	42
5 COMO DENOMINAMOS AS LÍNGUAS QUE FALAMOS .....	46
5.1 Um novo termo para designar a relação entre o sujeito e as línguas que fala .....	49
5.2 Um novo termo para designar o processo .....	54
6 SÍNTESE FINAL .....	56
7 REFERÊNCIAS .....	59
8 ANEXO I .....	61

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem seu embrião no projeto de extensão intitulado *Grupo de estudos em fonética da língua francesa*<sup>1</sup>, desenvolvido de 2009 a 2010, pelo Setor de Francês<sup>2</sup> da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ministrado por mim, Janaína Nazzari Gomes, por Cristina Alencar Silva e, posteriormente, por Laura Barcelos, todas estudantes de Letras da referida universidade. As motivações para a realização de tal projeto dizem respeito, principalmente, às dificuldades, observadas pelos professores do Setor de francês, na produção de determinados fonemas da língua francesa por parte de estudantes brasileiros. No decorrer das quatro edições do projeto, além de aperfeiçoarem-se pedagogicamente, as ministrantes foram gradualmente observando que a língua materna (e seus elementos fonéticos, fonológicos, semânticos, etc.) exercia grande influência na tentativa de produção dos fonemas do francês, estando sempre subjacente à produção da língua-alvo, seja pela dificuldade de pronúncia de sons que inexitem em português, seja pela manutenção da prosódia da L1, etc. Essa observação inicial levou à opção pedagógica de enfatizar, junto aos participantes do projeto, sobretudo as diferenças fonético-articulatórias existentes entre a língua materna, o português, e a língua-alvo, o francês, visto que antes focávamos majoritariamente nos fonemas franceses.

Com o intuito de auxiliar na contextualização teórica do conteúdo do projeto de extensão e de compartilhar seus conhecimentos no ensino de fonética e fonologia do português, participou deste projeto a professora Luiza Milano Surreaux, também orientadora do presente Trabalho de Conclusão de Curso, que convidou as ministrantes do projeto e seus participantes a conceber os fonemas da língua francesa a partir dos pressupostos saussurianos de língua e de fala e, particularmente, da característica sistêmica e opositiva do conjunto de sons que definem e possibilitam uma língua. Além disso, convidou-nos também a refletir aos lugares enunciativos fundados pelos sujeitos

---

1 A criação do projeto de extensão foi incentivada, primeiramente, pela professora Patrícia Ramos Reuillard, que, juntamente com Beatriz Gil, coordenaram as primeiras três edições do projeto. A última edição, no segundo semestre de 2010, contou com a coordenação da docente Heloisa Monteiro.

2 É mister reconhecer o determinante papel da professora Jane Fraga Tutikian, diretora do Instituto de Letras, no apoio ao projeto, através da cedência fixa de uma sala do prédio de aulas do Instituto de Letras para a realização do projeto.

ao aventurarem-se na aprendizagem de outra língua. Assim, o *Grupo de estudos em fonética do francês* não se restringiu somente ao exercício articulatório dos fonemas da língua-alvo, mas tentou compreender os significados das dificuldades e das facilidades apresentadas pelos participantes do projeto através de suas produções orais.

Após a experiência do *Grupo de estudos em fonética do francês* e todas as reflexões de cunho teórico e prático dela decorrente, tive a oportunidade de empreender, entre 2010 e 2011, três viagens ao Québec, estado francófono do Canadá, para participar de dois fóruns de juventude sobre comunidades francófonas das Américas e de um estágio de ensino de francês e literatura quebequense<sup>3</sup>. As repetidas imersões na sociedade quebequense, além de proporcionarem-me trocas culturais e aperfeiçoamento na prática do francês, colocaram-me em contato com uma realidade linguística bastante singular: a tentativa de coexistência da língua francesa e da língua inglesa, traduzida historicamente pela presença de imigrantes franceses e ingleses na América do Norte, e, socialmente, pelo fato de a população de até 40 anos ser fluente em ambas as línguas, embora, normalmente, somente uma delas tenha o *status* de língua materna.

Ao contrário do Québec, no entanto, o restante do Canadá é majoritariamente anglófono, o que faz do estado um símbolo de resistência da língua francesa e uma referência para as minorias francófonas espalhadas pelo restante do país. Os efeitos desta condição de exceção linguística e cultural da sociedade quebequense é perceptível não somente através das políticas afirmativas para com a língua francesa<sup>4</sup>, mas também pelos dilemas identitários que se colocam, já que um cidadão deve posicionar-se culturalmente enquanto francófono ou anglófono, sendo deveras raro e

---

3 O estágio ocorreu no *collège* François-Xavier-Garneau, situado na cidade do Québec, capital do estado de Québec. No Canadá, o sistema de *collège* existe somente no estado do Québec e cumpre um papel intermediário entre a educação básica e o ensino universitário. Tem duração de dois anos e caracteriza-se por oferecer formação técnica ou por preparar para o ingresso na universidade.

4 Em 1977, o Québec, através da Carta da Língua Francesa (também conhecida como Lei 101), instituiu normas jurídicas que regulamentavam os direitos linguísticos dos cidadãos quebequenses e definia o francês como idioma oficial do estado. Além disso, a carta aumentou também a responsabilidade do *Office québécois de la langue française* (Escritório quebequense da língua francesa), cujas atribuições tangiam a condução da política linguística e terminológica do Québec, assim como o processo de inserção definitiva do francês (francisação) na administração estatal e nas administrações privadas, de empresas (trabalho, comunicação, ensino, etc.).

recente a existência de falantes perfeitamente bilíngues, isto é, que se significam em inglês e em francês.

A imersão na sociedade quebequense e o vislumbramento dessa relação quase traumática, para os cidadãos, entre a língua francesa e a língua inglesa conduziram-me, novamente, às questões suscitadas durante as edições do *Grupo de estudos em fonética do francês*, no que tange às relações que um sujeito pode empreender com as línguas que fala e a importância fundadora da primeira língua adquirida. Assim, no caso dos quebequenses, a francofonia é incentivada por representar, de modo geral, a síntese identitária de um povo e, de modo específico, a constituição subjetiva em uma língua que, como todas as outras, traz consigo uma herança cultural e linguística particular.

Outra vivência que contribuiu para as reflexões que levaram ao presente trabalho foi o ensino de FLE (*Français Langue Etrangère*) a brasileiros desejosos de emigrar ao Québec, cujas políticas de imigração são facilitadas para trabalhadores qualificados. Notadamente para esse público, o domínio da língua francesa não parecia evidenciar simples preocupação comunicativa; traduzia temor relativo ao fato que, em não se expressando corretamente na língua-alvo, os falantes não conseguiriam comunicar-se de forma satisfatória, o que dificultaria sua inclusão na sociedade quebequense. Assim, observei nos alunos grande decepção quando, por exemplo, ao pronunciarem uma palavra em francês, o que se produzia era, na realidade, um “afrancesamento” de um vocábulo da língua portuguesa. Para serem sujeitos no Québec, esses cidadãos deveriam ser, primeiramente sujeitos na língua-alvo, o francês – e tinham ciência disso.

A intervenção da língua materna, no entanto, nem sempre é processo consciente. Em entrevistas empreendidas com um brasileiro de 26 anos, que, há 3, prepara-se para emigrar ao Québec e, há 2 dois, estuda francês, pude notar que língua materna e língua estrangeira podem relacionar-se linguisticamente das mais diferentes formas, sem necessariamente ter preponderância da L1 ou, digamos, sem que a significação ocorra somente na língua materna. Desdobramentos dessas entrevistas serão mencionados ao longo deste trabalho, porém é interessante notar a opacidade, observada pela via linguística, que pauta a relação entre o sujeito e as línguas que fala.

Ainda uma vez, pois, as interrogações primeiramente formuladas no *Grupo de estudos sobre fonética do francês* vieram à tona, já que, através da produção oral, das dificuldades e facilidades de produção fonético-articulatórias, e das características de marcação do sujeito em sua enunciação, parece ser possível interpretar a relação entre o sujeito e as línguas que fala, sobretudo, no que diz respeito às línguas estrangeiras – objeto deste trabalho. Assim, a experiência do Grupo de fonética, a imersão na sociedade quebequense, o acúmulo prático durante o ensino de FLE, advogam a existência de dinâmicas subjetivas diferentes para cada língua que o sujeito domina.

No capítulo 2, tentaremos primeiramente compreender o valor da língua materna para o sujeito e, no capítulo 3, refletir às formas como língua estrangeira impacta a língua materna. Desdobramento de tal questão é investigar a possibilidade ou impossibilidade de um falante tornar-se sujeito em língua estrangeira da mesma forma que o é em língua materna. Isto é, pode um sujeito apropriar-se de uma língua estrangeira na mesma intensidade de significação com que se apropria da língua materna? Ou ainda: é possível constituir-se sujeito em língua estrangeira? A hipótese que levantamos para tentar responder a tal questão tem como aspecto principal o acesso à cultura, estudo que empreendido no capítulo 4. Já o capítulo 5 é destinado a discutir os termos comumente utilizados para denominar as relações entre falantes e línguas (língua materna, L2, língua-alvo, etc.) e, igualmente, refletir sobre os termos que designam os processos de entrada em relação com as línguas (aquisição, apropriação, etc.)

A análise que, neste trabalho, foi empreendida parte das reflexões saussurianas sobre a característica sistêmica, valorativa e opositiva do conjunto de signos que compõem a língua e também sobre como o conceito de fala proposto por Saussure define o advento da expressão individual do falante, que se apropria do conjunto social de signos, a língua. Em seguida, trabalhamos com Émile Benveniste para compreender o processo de apropriação do aparato linguístico que permite a um falante enunciar-se. Investigamos os valores da enunciação em língua materna e tentamos compreender o valor da enunciação em língua estrangeira partindo da dúvida sobre a possibilidade de

equiparação do ato de apropriação da língua materna ao ato de apropriação de uma língua estrangeira. Conceitos benvenisteanos imprescindíveis para nossa análise são o de sujeito, significação, referência e co-referência, apropriação, cultura, subjetividade e intersubjetividade, semiótica e semiologia.

O aporte fornecido pelo Curso de Linguística Geral e pelos textos de Émile Benveniste presentes nos livros *Problemas de Linguística Geral I e II* permitiu-nos, de forma deveras produtiva, interpretar teoricamente a problemática sobre relação entre sujeito e as línguas estrangeiras que fala. As tentativas de respostas aos questionamentos suscitados, no entanto, foram fruto de releitura da reflexão sobre aquisição de linguagem a partir da perspectiva enunciativa, empreendida pela professora Carmem Luci da Costa Silva. Os exemplos e interpretações, fornecidos pelo professor da Princeton University, Daniel Heller-Roazen, também foram de fulcral importância para este trabalho, pois evidenciam a diversidade de línguas existentes no mundo, dos seus primórdios à atualidade, e isto conjugado à significância dessas línguas para as sociedades e para os sujeitos que as falam. Finalmente, temos as contribuições teóricas de Christine Revuz, psicanalista francesa, que nos propõe valorosas reflexões acerca das relações que os sujeitos podem empreender com o que lhes é língua estrangeira.

## 1 A PROBLEMÁTICA

O psicanalista francês Charles Melman afirmou, no livro *Imigrantes: Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País*<sup>5</sup>, que “quando falamos uma língua estrangeira, (...) o retorno do recalcado não poderá mais ser escutado como a expressão de um desejo, mas apenas como a expressão de erros gramaticais, sintáticos, lexicais, etc”<sup>6</sup>. Embora a perspectiva psicanalítica a partir da qual fala Melman mostre-se bastante produtiva para o objeto de estudo deste trabalho – o processo de apropriação, pelo sujeito, da língua estrangeira –, interessa-nos, da afirmação do psicanalista, sobretudo a constatação de alterações linguísticas na fala do sujeito, qual sejam a existência, na expressão em L2, de singulares produções sintáticas, lexicais, fonéticas, etc., que não corresponderiam ao ideal<sup>7</sup> da produção na língua-alvo.

Essas singularidades expressas em L2<sup>8</sup>, muito antes de serem erros gramaticais, constituem-se, para este trabalho, fonte para análise<sup>9</sup> de um fenômeno que marca o processo de aquisição<sup>10</sup> de língua estrangeira. Com efeito, em toda tentativa de expressão em L2, por parte de aprendizes, é possível encontrar elementos que fogem às regras gramaticais, sintáticas, fonéticas e prosódicas da língua-alvo e isto pode ser observado, por exemplo, pela não-distinção, por parte de hispanófonos, dos fonemas [v] e [b] ao falarem português; pelas eventuais não-inversões, por parte de lusófonos, de substantivo e verbo ao exprimirem-se em inglês; ou ainda pela dificuldade da pronúncia dos fonemas [y], [œ], [Ø] do francês por parte de lusófonos brasileiros. Trata-se, como podemos notar, de marcantes diferenças em relação às formas ideais da língua estrangeira. Mas perguntaríamos, então: o que provoca tais diferenças? Seriam somente dificuldades cognitivas ou articulatórias ou trata-se de diferenças que

---

5 MELMAN, 1992.

6 Idem. pg. 45.

7 O termo ideal é empregado designando a produção de um nativo.

8 Os termos língua estrangeira, L2, língua-alvo, outra língua, serão utilizados como sinônimos até o capítulo 5, quando os delimitaremos teoricamente.

9 O procedimento de análise adotado neste trabalho não se pretende exaustivo e visa a ilustrar as questões teóricas ora discutidas.

10 Os termos aquisição, apropriação, aprendizado serão utilizados como sinônimos até o capítulo 5, quando os delimitaremos teoricamente.

indicariam a existência de uma relação específica entre o sujeito e as línguas que fala?

No intuito de responder a tal questão, analisaremos duas entrevistas<sup>11</sup> concedidas em francês por Michel, brasileiro de 26 anos, natural de Maceió mas residente em Porto Alegre desde 2007, que estuda a língua francesa há dois anos (totalizando, em média, 260 horas de aula) com o objetivo de emigrar ao Québec com sua esposa. As perguntas elaboradas para a entrevista tentam reproduzir os questionamentos frequentes feitos quando do encontro presencial entre aspirantes a imigrantes e o Escritório de Imigração do Québec.

O critério inicial a partir do qual faremos nossa análise está ancorado no pressuposto de que, para que ocorra qualquer processo comunicativo, de maneira geral, é imprescindível que os participantes da situação de comunicação utilizem códigos semelhantes (um mesmo sistema linguístico, por exemplo), e que, de forma específica em língua estrangeira, a expressão linguística dos falantes reproduza, minimamente, elementos da língua-alvo (que respeite certas regras sintáticas, fonemas da língua, significados das palavras, etc.). Assim, como objetivamos analisar a produção em francês de Michel e verificar quais elementos salientam-se por sua singularidade, é imprescindível que tenhamos como parâmetro a produção ordinária de um falante nativo de francês.

No que tange ao léxico, temos produções como “pergunté”, “estudiantes”, “appartement”, “ultim”, “secure”, “tipo”, “libre”, “non”, “confusés”, “mestrai”, “doctorai”, “subterrine”, “infelizment”, “coliquer”, para designar, respectivamente, perguntar, estudantes, apartamento, última, segura, tipo, livre, não, confusas, mestrado, doutorado, subterrâneo, infelizmente e colocar. Em francês, tais palavras seriam *demandé, étudiants, appartement, dernière, sûr, type, libre, pas, confus, master, doctorat, sousterraine, malheureusement, e mettre*. Se compararmos às produções de Michel as palavras em português e em francês, veremos que houve a aplicação de certas regras morfológicas do francês em estruturas do português. Em “pergunté”, por exemplo, Michel aplicou o princípio geral da formação do *participe passé* (particípio passado, em português) para verbos de sufixo *-er*, mas manteve o radical do verbo na

---

11 A íntegra das entrevistas pode ser conferida no anexo 1 deste trabalho.



língua portuguesa. No caso do advérbio “infelizment”, o procedimento foi semelhante: radical da língua portuguesa (infeliz-) e sufixo em francês (-*ment*). Especificamente na palavra “secure”, Michel, por meio da analogia, (o mesmo procedimento utilizado para criar palavras como imexível, por exemplo), manteve a plosiva velar [k] que encontramos na palavra *sécurité* (segurança, em port.), mas aplicou a estrutura da palavra em português, seguro (três sílabas, paroxítona com consoante velar posterior). Percebemos, pois, que, no léxico, as diferenças entre a língua-alvo e a língua-produzida repousam sobretudo na interferência da língua materna do falante quando da tentativa de produção de língua estrangeira.

Examinemos, agora, o nível sintático. Em frases como “Elle habité depuis 15 ans plus ou moins.”, “Nous faisons plus ou moins quatre-vingt heures [de français] plus ou moins.”, “Je connu un couple qui vivre à Toronto.”, “Elle immigré ça fait deux ans.”, “Nous connu deux autre couples qui vont immigrer aussi pour Montréal.”, além de desrespeito à concordância entre pronome pessoal e verbo, o que mais se destaca na estruturação das frases é que não apresentam o auxiliar *être* ou *avoir* (ser ou ter), sendo empregadas somente com pronome sujeito e verbo no particípio passado<sup>12</sup>. Assim, ao invés de *Elle a habité (...)*, ou de *Nous avons fait (...)*, ou ainda, de *J'ai connu (...)*, tem-se o emprego de uma estrutura em que a indicação do pretérito, para Michel, encontra-se somente no verbo principal sendo empregado na forma do particípio passado, o que se assemelha à estrutura do pretérito perfeito em português, em que as informações de passado, número, modo e pessoa estão contidas na própria flexão do verbo. Em alguns momentos, no entanto, podemos perceber a utilização de um auxiliar, notadamente, do verbo *avoir*, cuja pronúncia, quando conjugado em primeira pessoa (*j'ai* = [je]), muitas vezes é confundida, por locutores lusófonos brasileiros, com a pronúncia da primeira pessoa do pronome pessoal do caso reto (*je* = [jɛ]), o que parece novamente levar à conclusão de que, embora haja a utilização de um auxiliar, a pronúncia deste não teria valor fonológico para Michel por confundir-se com a pronúncia da primeira pessoa dos pronomes pessoais. Destarte, ainda que utilize o

<sup>12</sup> Em francês, as frases no *passé composé* são formadas da seguinte forma: sujeito + auxiliar *être* ou *avoir* conjugados no presente e em concordância de número com o sujeito + verbo principal (aquele que dá o sentido para a frase) no particípio passado.

auxiliar, Michel parece continuar a aplicar a estrutura do passado da língua portuguesa na produção do passado em francês.

A produção fonética de Michel também merece atenção: notamos que deixa de pronunciar sobretudo as vogais da língua francesa que inexistem em língua portuguesa, ou seja, não articula [ə], [ø], [y] e [œ]. Assim, o fonema [ə] torna-se [e], em palavras como *je*, *petit*, *le* ([je], [peti], [le]); em palavras como *entrevue*, *plus*, *public*, o som [y] passa a ser [i] ou [u] ([ãtRəvi], [plu], [publik]); o fonema [ø], encontrado nas palavras *seulement*, *deuxième*, *mieux*, *peut-être*, é pronunciado, por vezes como [o], por vezes como [e] ([deziɛm], [solement], [mio], [potɛtR]); e, finalmente, o som [œ] é pronunciado como [ɛ], notadamente na palavra *heures* ([ɛr]), e como [euR] ao invés de [œR], na palavra *programmeur*. As 12 vogais que compõem o sistema vocálico da língua francesa não parecem, pois, outorgar diferença fonológica à produção de Michel e são reduzidas a 7 fonemas, todos componentes do sistema vocálico da língua portuguesa. Vemos, pois, que Michel adapta o sistema vocálico que conhece e com o qual está acostumado – o do português brasileiro – para produção de sentidos em outra língua – o francês.

Podemos, ainda, chamar a atenção para a presença de vocábulos da língua portuguesa permeando a produção em língua francesa. Frases como “[o] appartement est 269, é le numéro de l'appartement.”, “Nous vivons ensemble, mais nous fait le cerimônia<sup>13</sup> [...] un an, deux ans plus ou moins, há un an, deux ans”, “Et faire tous les papiers et connaissez un peu la ville et après quand [...] louer quelque chose, ai commencer à trouver un emploi [...]”, “Je vivre avec ma femme. [...] Rua Duque de Caxias, dois meia nove, deux meia, deux six neuf, appartement douze.” mostram que não é unicamente pela mescla na estrutura sintática, fonética e morfológica da língua estrangeira que a língua materna pode fazer-se presente, mas, inclusive explicitamente, com termos próprios da L1, sem mutações.

A constatação da presença da língua materna na produção da língua estrangeira é de mister importância para o estudo que pretendemos empreender neste trabalho, já

13 Michel não tinha conhecimento do equivalente em francês e por isso pronunciou em português. Já a utilização do vocábulo “há”, na sequência da frase, ocorreu sem hesitação de que tal palavra poderia não pertencer ao sistema da língua francesa.

que, como pontuamos na introdução, a perspectiva enunciativa elaborada por Émile Benveniste sobre a presença do sujeito na língua propõe-nos, igualmente, interpretações sobre a relação entre sujeito e língua materna, uma vez que, como veremos adiante, ao enunciar-se, o sujeito fala de algo e de sua situação de enunciação, a uma só vez. Assim, tendo em vista, de um lado, que nosso objetivo é esmiuçar a relação entre sujeito e língua estrangeira, tentando compreender sobre a possibilidade ou impossibilidade de ser sujeito em L2, e, de outro, vislumbrando a aparente impossibilidade de exclusão da língua materna ao falar-se uma língua estrangeira, é mister que compreendamos, primeiramente, como o sujeito constitui-se falante de L1, pois a aquisição de outra língua parece ter, necessariamente, de passar pela primeira língua que inseriu o sujeito no mundo e na linguagem.

## 2 O SUJEITO E SUA PRIMEIRA LÍNGUA DE SIGNIFICAÇÃO

Em 1916, é publicado o *Curso de Linguística Geral*<sup>14</sup> (doravante, CLG<sup>15</sup>), obra que engendrará mudanças substanciais no campo dos estudos da língua e da linguagem. Com efeito, o aporte teórico fornecido pelo linguista suíço, Ferdinand de Saussure, cuja teoria foi compilada/sistematizada e publicada por colegas em 1916, inaugura a disciplina da Linguística tomando a língua como objeto de estudo. Ao dar primazia à língua, o estudo saussuriano deixa em suspenso o falante, isto é, os processos singulares de mobilização da língua, assunto que será retomado pelo francófono Émile Benveniste, em meados do século XX.

As reflexões propostas no CLG acerca da linguagem e da língua constituem-se, como afirmamos, em um marco para a Linguística, mas não somente para este campo: a Epistemologia também sofreu consideráveis mudanças pois a postulação da língua como objeto da Linguística estava ancorada em seu caráter sistêmico, opositivo e valorativo, características que inauguraram uma nova visão do que seria o objeto da ciência de modo geral. Assim, com suas demarcações teóricas, além de fundar a ciência da língua – já que atendia ao método científico ao estabelecer um objeto empírico, passível de ser analisado sincronicamente –, Saussure introduziu também a ideia de que os signos componentes da língua não têm valor em si, mas em relação, o que pode ser resumido pela afirmação de que “*é o ponto de vista que cria o objeto*”.<sup>16</sup> Estava fundada a relatividade que marca os sistemas linguísticos, princípio encontrado, no CLG, no capítulo que busca definir o objeto da Linguística:

1º As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um “n” existe somente pela correspondência desses dois aspectos. Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica. 2º Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: o som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez,

---

14 SAUSSURE, 2006.

15 Faremos referência, nas notas de rodapé, ao Curso de Linguística Geral pela sigla CLG.

16 CLG, pg. 15

com a ideia, uma unidade complexa fisiológica e mental. E ainda mais: 3º A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. Finalmente: 4º A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução (...).<sup>17</sup>

Assim, diante da heterogeneidade que marca os fenômenos linguísticos (os sons e as articulações vocais, os movimentos dos órgãos vocais e a impressão acústica, o som e a ideia, os lados individual e social da linguagem, o sistema estabelecido e a sua evolução), Saussure postula a relatividade constitutiva desses fenômenos<sup>18</sup> e, embora aponte para a impossibilidade de abordar-se integralmente o objeto da linguística, elege a língua como o objeto a ser estudado porque encontra nela a sistematicidade e regularidade necessárias ao objeto científico. De acordo com o linguista suíço:

entre tantas dualidades, somente a língua pareceria suscetível de uma definição autônoma, já que, sendo parte determinada e essencial da linguagem, seria o produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social - [os falantes] - para permitir o exercício da faculdade de linguagem nos indivíduos<sup>19</sup>.

Não é, contudo, somente à língua que Saussure concede lugar especial para a instituição da linguagem no ser humano. A fala aparece, é verdade, como objeto secundário de estudo (“O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência (...); outra, secundária, tem por objetivo a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala (...)”<sup>20</sup> [grifo nosso]), porém não deixa de ter lugar privilegiado na constituição da linguagem e, como veremos mais adiante, do indivíduo que se enuncia. O CLG afirma, por exemplo, que “não há dúvida que os dois objetos [língua e fala] estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça.”<sup>21</sup> Prossegue, ainda, afirmando que a “fala é um ato individual de vontade e inteligência, no

---

17 CLG, pg. 15-16

18 Segundo Saussure, os fenômenos linguísticos “apresentam perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” [grifo nosso]. Ibidem. pg. 15

19 Ibidem. pg. 17

20 Ibidem. pg. 27

21 Ibidem. pg. 22

qual convém distinguir: 1°, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2°, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações”<sup>22</sup>.

Com a ênfase no processo de combinações promovido pelo indivíduo no momento da execução da fala (*parole*), depreendemos que esta, embora exterior à língua<sup>23</sup>, não se reduz, para Saussure, às operações acústicas e articulatórias empreendidas pelo falante, mas diz respeito a um processo que envolve principalmente escolhas. Aliás, segundo o CLG, é através da fala que o indivíduo tem acesso à língua e que, pouco a pouco, a assimila (“é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências”<sup>24</sup>). De acordo com o linguista suíço, inclusive, “o fato da fala vem sempre antes, pois como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala?”<sup>25</sup> O processo não se resumiria, então, a uma modesta reprodução de estruturas, mas à apropriação, pelo sujeito falante, de um vasto sistema composto por signos cujos valores se dão na língua e pela dialética entre esta e a cultura, como veremos no capítulo 4.

Sendo apresentada como o único elemento subjetivo da linguagem, já que dependente da produção individual do falante (suas escolhas e combinações), podemos supor que a fala traz consigo, isto é, desvela, não somente a língua, mas um pouco do indivíduo que a pratica. Ora, as combinações de que fala Saussure não são decididas aleatoriamente e tampouco com base em um automatismo, mas pela constituição linguística, psíquica e cultural do indivíduo<sup>26</sup>, dimensões subjetivas que se

---

22 CLG, pg. 22

23 “Consideremos, por exemplo, a produção dos sons necessários à fala: os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto; e a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si.” *In* *Ibidem*, pg. 26

24 *Ibidem*. pg. 27

25 *Ibidem*. pg. 27

26 Podemos observar, na passagem do CLG que situa a língua nos fatos da linguagem, que Saussure cita as dimensões psíquica e física: “o ponto de partida se situa no cérebro, (...) onde os fatos de consciência (...) se acham associados às representações dos signos linguísticos e das imagens acústicas que servem para exprimi-los. (...) É um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez, de um fenômeno fisiológico: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem, depois, as ondas sonoras se propagam (...): processo puramente físico” [grifo nosso]. Na sequência, o linguista afirma, ainda, que “entre todos os indivíduos unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma

implicam mutuamente. Do ponto de vista teórico, as combinações são explicadas por Saussure pelas categorias sintagmáticas e associativas, que traduzem as relações e as diferenças entre os signos linguísticos. Especificamente, as relações sintagmáticas são “relações baseadas no caráter linear da língua – a impossibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” – traduzida pelo alinhamento dos sintagmas, “um após o outro, na cadeia da fala”<sup>27</sup>; já as relações associativas resumem o fato de “uma palavra qualquer poder sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou outra”<sup>28</sup>, tendo, como limite associativo, a própria língua do falante e, como limite estrutural, as relações sintagmáticas. Saussure caracteriza tais combinações como o “tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo”<sup>29</sup> [grifo nosso] e aqui chamamos a atenção novamente para o caráter individual da língua, que é geral, mas que também é singular por estar situada mentalmente em cada indivíduo.

O linguista francófono Émile Benveniste<sup>30</sup> herda de Saussure o princípio teórico da preponderância da língua no estudo linguístico, mas vale-se também da fala como meio de acesso ao dizer do sujeito. Assim, Benveniste desliza o conceito de língua, que, para Saussure, era a parte fundamental da linguagem e uma instituição simbólica, para propô-lo como sendo a linguagem em uso, o discurso<sup>31</sup>, já que antes do uso, “a língua não é senão possibilidade de língua”<sup>32</sup>. Quando atualizada pelo sujeito, a língua, segundo Benveniste, transforma-se/transveste-se, ainda, em enunciação que é “fazer funcionar a língua por um ato individual de utilização”<sup>33</sup> [grifo nosso].

Ao interessar-se pela “utilização individual da língua”<sup>34</sup>, Benveniste propõe, então, o que poderíamos chamar de uma Linguística da singularidade, centrada no ato enunciativo e, conseqüentemente, no sujeito que se enuncia. Assim, diferentemente da

---

espécie de meio termo: todos reproduzirão (...) os mesmo signos unidos aos mesmos conceitos.” [grifo nosso] *In* CLG, pg. 20-21

27 *Ibidem*, pg. 142

28 *Ibidem*. pg. 144

29 *Ibidem*. pg. 143

30 Neste trabalho, utilizaremos as obras de Émile Benveniste, *Problemas de linguística geral I e Problemas de linguística geral II*, pelas siglas PLG I e PLG II.

31 BARBISAN, 2007.

32 PLG II, pg. 84

33 *Ibidem*. pg. 81

34 *Ibidem*. pg. 81

teoria saussuriana, que precisou deixar em suspenso a primazia do sujeito a fim de poder constituir o objeto da Linguística, Benveniste admite, não só a presença do sujeito na língua, como também um sujeito falando sobre seu próprio ato enunciativo:

Enquanto realização individual, a enunciação pode definir-se, em relação à língua, como processo de apropriação. O locutor se apropria do aparato formal da língua e enuncia sua posição de locutor mediante índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (...) O ato individual de apropriação introduz ao que fala sua própria fala. Há, aqui, um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor na sua própria enunciação faz com que cada instância do discurso constitua um centro de referência interna.<sup>35</sup> [grifo nosso]

Temos, pois, com Benveniste, a preocupação teórica com o dizer de um sujeito que, tendo acesso a um aparelho simbólico geral (o conceito de linguagem saussuriano), tem a possibilidade de enunciar-se singularmente (a fala, também abordada por Saussure) e de marcar-se nesse ato enunciativo, o que resulta na fundação de centro de referência interno à enunciação marcado pela presença de dois elementos fundamentais:

(..) os índices de pessoa (eu-tu), que só se produzem na enunciação e pela enunciação: o termo “eu” denota o indivíduo que profere a enunciação, o termo “tu”, o indivíduo que está presente na enunciação, o alocutário. De igual natureza e correspondentes à mesma estrutura de enunciação estão os pronomes demonstrativos “este”, “aquele”, “aqui”. Trata-se de termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que designa o local do enunciador.<sup>36</sup>

Assim, mais do que simples marcas linguísticas (*eu*, referindo-se ao locutor; *tu*, referindo-se ao alocutário, etc.), com esses exemplos, podemos afirmar que o aparelho formal da enunciação, para Benveniste, está sempre condicionado ao *eu* enunciador e à presença da intersubjetividade, isto é, da presença de um *tu* co-referindo à enunciação do *eu*. Encontramos os desdobramentos teóricos de tal conclusão no texto *Da subjetividade da linguagem*<sup>37</sup>, em que o autor objetiva refutar a concepção de

---

35 PLG II, pg. 84-85

36 Ibidem, pg. 85

37 PLG I, pg. 284-293



linguagem como instrumento da comunicação e, sobretudo, dissertar sobre a subjetividade como propriedade inerente à linguagem. Benveniste, aliás, vai além. Afirma que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'”<sup>38</sup> [grifo do autor]. Isto é, o sujeito só consegue propor-se sujeito no mundo ao propor-se sujeito pela linguagem. Trata-se, segundo o linguista, “da emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que diz “ego”. Encontramos aí o fundamento da 'subjetividade' que se determina pelo status linguístico de pessoa”<sup>39</sup> [grifo do autor]. A linguagem exerce, pois, um poder fundador sobre o sujeito; é ela que, primeiramente, permite-lhe ser no mundo.

Essa atitude linguística que permite a subjetivização na língua não ocorre, porém, como já afirmamos, sem a instituição do dialogismo – “a consciência de si mesmo só é experimentada por contraste”<sup>40</sup> (a existência do *eu* pela existência do *tu*) – e tal dialogismo só se faz possível pelo que Benveniste chamou de signo vazio, a saber, “formas 'vazias' [*eu*, *tu*, pronomes dêiticos, etc.] das quais cada locutor em exercício no discurso se apropria e as quais refere à sua 'pessoa', definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* (...)”<sup>41</sup> Dessa forma, o termo *eu* não remete a uma pessoa em especial, mas àquela que pronuncia *eu* e se reivindica, portanto, como sendo *eu* o mundo. Esta propriedade de esvaziamento dos pronomes é, pois, o elemento responsável por permitir a fundação da subjetividade na linguagem.

A fundação do sujeito na e pela linguagem não ocorre, no entanto, isolada da língua materna. Com efeito, no momento mesmo em que utiliza os principais índices que marcam a subjetividade e a intersubjetividade linguísticas, a criança está valendo-se de formas da língua e já está, portanto, na língua. A psicanalista francesa Christine Revuz, no texto *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio*<sup>42</sup>, que utilizaremos com mais ênfase no próximo capítulo, faz, ainda, outras observações acerca da presença da língua na criança muito antes de ela poder emitir

---

38 PLG I, pg. 286

39 Ibidem, pg. 286

40 Ibidem, pg. 286

41 Ibidem, pg. 289

42 REVUZ, 1998

palavras<sup>43</sup>:

mesmo antes de poder articular o mínimo som, a criança se encontra já imersa dentro de um universo de palavras, e (...) essas palavras, mesmo que não as possa reproduzir, nem produzir outras a partir delas, não são para ela menos dotadas de significação. As crianças não podem se subtrair às falas de seu ambiente. (...) Cada um que se ocupa dela [da criança] fala dela, coloca em palavras o que percebe dela, de seu “jeito de ser”, de suas semelhanças, de suas necessidades. (...) assim, muito tempo antes de poder falar, a criança é falada intensamente pelo seu ambiente.<sup>44</sup>

Temos, assim, o valor da língua materna para o sujeito: é o elemento humano, cultural e linguístico que, juntamente com a linguagem, permite ao indivíduo *ser* sujeito no mundo. Como, então, não vislumbrar a possibilidade e probabilidade de que a língua materna interfira na produção de língua estrangeira se a primeira tem um *status* tão importante para o sujeito, sendo o sistema que lhe permitiu reivindicar seu espaço no mundo e que lhe propiciou as primeiras relações com as pessoas, com os objetos, com o saber, etc.?

O papel fundante que a mobilização do aparelho formal da enunciação exerce para a criança não parece, pois, ser o mesmo para um adolescente ou para um adulto que já tem formado seu sistema simbólico e já constituiu-se sujeito em uma língua, visto que é na L1 que o locutor tem sua primeira inscrição no mundo. Mas, então, perguntaríamos: o que é necessário para um falante tornar-se sujeito em língua estrangeira, já não se trata da mesma mobilização do aparelho formal da enunciação visto que este já constituiu-se na e pela linguagem na L1? Estariam os falantes de línguas não maternas condenados a serem não-sujeitos?

---

43 Mister observar que, de acordo com reflexões da docente e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Carmem Luci da Costa e Silva, no livro *A Criança na Linguagem – enunciação e aquisição* (SILVA, 2009), ainda que não utilize explicitamente formas linguísticas, isto é, pronuncie-as, o processo de entrada da criança na linguagem e na língua pode ser visto simplesmente pela existência de co-referência. Assim, no momento em que co-refere a um enunciado, seja por um gesto, por um barulho, por um sorriso, a criança já está na língua, porque já está na linguagem, trabalhando forma e sentido conjuntamente. Utilizaremos as contribuições de Costa Silva no capítulo 4, em que trataremos da cultura na constituição do falante em L2.

44 REVUZ, 1998: 218-219

## 2.1 AS EXCEÇÕES A ESTE VALOR

Casos como o narrado por Louis Wolfson, no livro *O schizo e as línguas ou a fonética para um psicótico (esboços de um estudante de línguas esquizofrênico)*, em que o autor discorre sobre a incapacidade que tem de tolerar sua língua materna são ilustrações que argumentam para a possibilidade de situações segundo as quais, para o sujeito, língua materna não tem o valor de constituição de um indivíduo no mundo por meio da palavra. Com efeito, Wolfson, que se refere a si mesmo em terceira pessoa, afirma que, sendo

praticamente impossível não ouvir sua língua materna, tentou desenvolver formas para converter palavras quase instantaneamente (especialmente aquelas que achava serem mais problemáticas) em palavras estrangeiras a cada vez, após terem penetrado sua consciência, apesar de seus esforços para não percebê-las. Para que assim pudesse de alguma forma imaginar que não se falava com ele naquela língua maldita, sua língua materna, o inglês. (...) experimentou reações que eram por vezes agudas e que fizeram até mesmo que fosse doloroso para ele ouvir o idioma sem ser capaz de converter os termos em palavras que lhe fossem estrangeiras, ou sem ser capaz de destruir construtivamente, em sua mente, os termos que acabara de ouvir nessa língua amaldiçoada, o inglês!<sup>45</sup>. [grifo nosso]

Os escritos de Wolfson se situam em um domínio em que a língua passa a dizer mais sobre o sujeito do que sobre si mesma. A professora da Universidade Federal Fluminense, Mariluci Novaes, apresenta, no texto *A torre de Blablabe!*<sup>46</sup>, ao questionar-se sobre o que leva os escritos de Wolfson serem mormente utilizados para o estudo psicanalítico, enquanto os escritos de James Joyce encontram campo na literatura, afirma que “percebe-se que a separação tênue entre literatura e delírio não está propriamente no limite entre gramatical e agramatical, para desespero dos linguistas. Essa separação ultrapassa os efeitos de sentidos das palavras.”<sup>47</sup> Destarte, na “recusa [de Wolfson] à língua inglesa como possibilidade simbólica”<sup>48</sup>, repousa, não a complexidade da língua, mas a complexidade do sujeito em relação à língua, que é, ao

45 WOLFSON, Louis. *O schizo e as línguas* In HELLER-ROAZEN, 2010: 151

46 NOVAES, 2006, p. 29-42

47 Ibidem, pg. 32

48 Ibidem, pg. 31

mesmo tempo, meio e razão do desconforto para o sujeito.

Não nos cabe aqui analisar a relação entre Wolfson e sua língua materna, visto que tal análise exige a contribuição de outros campos do conhecimento que, embora dialoguem com nosso objeto, a língua, partem dele para ir ao encontro do sujeito, não contemplado no estudo que ora empreendemos. Nosso objetivo, nesta sessão, foi somente de apontar, de um lado, a existência de processos de inscrições em língua materna que não são pautados pelo reconhecimento do sujeito na sua L1 (como mostrou-nos o caso de Wolfson) e, de outro, que há campos teóricos, notadamente a psicanálise, cujas interpretações mostram-se potenciais para compreender essas situações em que um sujeito está inscrito deveras inconfortavelmente em uma língua.

## 2.2 AS ENUNCIÇÕES DE MICHEL

Ao observar, na língua, a existência de um aparelho que possibilita ao sujeito marcar-se em sua enunciação e que, ao fazê-lo, possibilita-lhe, também, falar de sua própria enunciação, Benveniste fornece-nos instrumentos para compreender os enunciados de Michel como enunciados que falam, entre outros assuntos, de sua situação como enunciador em língua francesa, isto é, da relação que estabelece com esta língua-outra. No entanto, o simples ato de dizer *eu* em francês não nos parece, como já argumentamos, suficiente para afirmar que Michel constitui-se sujeito em língua francesa, já que, de um lado, a forte interferência da L1 parece indicar uma precária estrutura de L2, e, de outro, o fato de a fundação do sujeito ter-se dado em língua materna revela-nos a preponderância desse sistema na constituição linguística do falante. Destarte, dizer *eu* em L2 não parece ser o suficiente para ser sujeito e significar-se em L2.

No texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste afirma que “o locutor se apropria do aparelho formal e enuncia sua posição mediante índices específicos, de um lado e, por meio de procedimentos acessórios de outro”. Visto que já chamamos a atenção para a diferença constitutiva entre reivindicar-se sujeito em L1 e em L2, não

utilizaremos os “índices específicos” para nossa análise; ancorar-nos-emos no que Benveniste denominou “procedimentos acessórios”, que, embora não especificados pelo teórico francês, constituem-se, segundo estudiosos da Linguística da Enunciação, nos gestos, na entonação, no ritmo, entre outros. Interessa-nos, sobre os procedimentos acessórios, a análise da prosódia das falas de Michel, que, embora de modo geral, apresente determinantes diferenças em relação à prosódia da língua francesa, tem certa regularidade e mostra oscilações em situações bastante definidas.

Começamos pelas diferenças no ritmo da frase, que, em francês, é marcada pelo o extensivo encadeamento fonético das palavras de modo a evitar de deixar longos espaços de silêncio, pelo agrupamento das palavras em um único grupo com acento tônico ao seu fim (grupo rítmico) e, finalmente, pelo não prologamento das vogais finais, sendo que as palavras que terminam em [ə] não têm, exceto na leitura de textos literários, esse fonema pronunciado<sup>49</sup>. Já a fala de Michel, ao contrário da prosódia da língua francesa, apresenta, em muitos momentos, intenso prologamento das vogais finais, sobretudo do [ɛ], e fraco encadeamento das palavras da frase, o que leva à exígua formação de grupos rítmicos e, por conseguinte, à existência de espaços de silêncio nas frases, geralmente com hesitações sobre o emprego de algum termo.

Exceções a essa regularidade, encontramos nas seguintes situações: 1) ao ser perguntado sobre seu nome, o nome de sua esposa, o nome da rua em que mora e de sua cidade de origem, Michel responde com a prosódia da língua portuguesa; 2) ao hesitar em respostas, Michel prolonga a vogal [ɛ], tal como faz em português; 3) ao utilizar uma palavra em português para obter sua tradução em francês; 4) ao responder, com uma prosódia muito próxima à da língua francesa, “Non, non, je parle français”, a uma pergunta sobre a necessidade de um intérprete.

Em situação de imersão, muitos falantes, sem dar-se conta, acabam rendendo-se à forma como os nativos da língua do país pronunciam seus nomes, suas cidades de origem. Assim, por exemplo, ao invés de pronunciar [portwa'lɛgri], francófonos pronunciaríamos [poRto.alɛ'gRe], adaptando o termo à prosódia da língua francesa. Michel não está em situação de imersão e permite-se reivindicar o nome da cidade em

---

49 Dados sistematizados do livro *La phonétique*, coleção *Que sais-je?* (MALMBERG, 1979)

que mora, de sua esposa, de sua cidade de origem com a prosódia da sua língua materna, mesmo que isso implique em intercalá-la no seio de uma expressão em francês. Nesse ato de “auto-concessão” repousa a marca do enunciador Michel em sua enunciação. Não se trata somente de uma informação cuja prosódia não conseguiu ser adaptada à prosódia da língua estrangeira, trata-se de um locutor que, ao optar pela prosódia da língua materna está reivindicando-se sujeito nesta língua e reivindicando, com isso, sua origem e suas relações já estabelecidas e possibilitadas pela L1.

Na contracorrente deste ato de enunciação ancorado na língua materna, vimos que Michel adota, na afirmação “Non, non, je parle français.” a prosódia da língua francesa, o que também muito nos revela. Para ser aceito como imigrante no Québec, é mister que Michel domine a língua francesa e, talvez, mais do que dominar, mostre-se confortável utilizando-a. Assim, a adoção da prosódia do francês para afirmar sua fluência constitui-se também em um ato de apropriação dessa língua, pois, ao se afirmar enquanto falante de francês, Michel afirma-se como potencial cidadão de um Estado francófono que escolhe seus imigrantes de acordo, entre outros critérios majoritários, com o domínio ou não da língua de seu estado.

O falar de Michel mostra-nos, assim, uma relação com L1 e L2 marcada pela heterogeneidade. A mescla morfológica, sintática, fonética e prosódica de língua materna e de língua estrangeira evidenciam, a um só tempo, a junção de dois sistemas linguísticos, a resistência da língua materna em ser substituída por uma língua-outra, e o início da fundação de um sujeito em língua francesa. Não se trata de processos isolados, mas, pelo contrário, de processos que se implicam mutuamente tendo como marco principal a preponderância da língua materna nas produções.

Notemos que tal presença não é, contudo, estanque ou mesmo *ad aeternum*, já que, como afirma Benveniste, no texto *Estruturalismo e Linguística*,

Todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua e a inventam a cada instante e cada um de maneira distinta e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção.<sup>50</sup>

É claro que não se trata de inventar um outro código linguístico completo utilizado somente por um indivíduo, mas de dar novas referências, novas entonações, e, por vezes, até novos signos, a um sistema relativamente consolidado, que é a língua. Parece-nos que o emaranhado de formas que compreende as enunciações de Michel representam um pouco dessa reinvenção da língua de que Benveniste nos fala ao que o único contratempo parece ser o limite da co-referência, responsável por colocar os participantes da enunciação em um mesmo ponto de partida semântico. Assim, se o que Michel produz linguisticamente não é passível de co-referência, ainda que tenha constituído uma língua que faça sentido para si, talvez esse sistema não faça sentido em sociedade, sobre o que falaremos no 4º capítulo. Mas antes de analisar o sujeito enunciador inserido na cultura, busquemos compreender de que forma a aquisição de uma língua estrangeira desestabiliza a língua materna.

### 3 O IMPACTO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA LÍNGUA MATERNA

Revuz afirma que “a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e a sua língua”<sup>51</sup>. Com efeito, ainda que de forma não consciente ou teórica, o sujeito percebe na língua seu meio mais importante de acesso ao mundo, ao seu pensamento, ao sentido das coisas e é essa percepção, fundamentada em uma relação de confiança com a capacidade da língua de significar, que é inicialmente abalada ao aprendermos uma nova língua. Interessa-nos, então, tentar compreender de que forma a língua estrangeira abala o conforto (ou o desconforto) que nos propicia a língua materna.

Diferentemente da relação que língua materna e língua estrangeira têm para o sujeito, podemos perceber que ambas as línguas exigem do falante procedimentos semelhantes: solicitam, como sustenta Revuz, ao sujeito “seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo; [são] práticas corporais, [que] põem em jogo todo o aparelho fonador.”<sup>52</sup> Uma vez que a língua materna já engloba uma determinada dimensão psíquica do sujeito (composta pela linguagem em forma de língua materna), já implica uma determinada dimensão físico-corporal (os movimentos habituais do aparelho fonador) e também uma determinada relação com o saber (igualmente viabilizado pela língua), ao entrar em contato com a língua estrangeira, o sujeito depara-se com outro sistema simbólico, diferente daquele que funda sua subjetividade, obriga-se a mobilizar seu aparelho fonador de outra forma para conseguir pronunciar os fonemas da nova língua e, nem sempre, sobretudo nos primeiros contatos, é capaz de reivindicar o saber através da língua-outra porque ainda não domina seus signos.

Vemos, pois, que a tentativa de apropriação de uma língua estrangeira obriga, conforme afirma Revuz,

o sujeito (...) [a] pôr a serviço da expressão de seu *eu* um vaivém que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo sobre os ritmos, os sons, as curvas entonacionais, e um trabalho de análise e de memorização das

---

51 REVUZ, 1998: 220

52 Ibidem. pg. 216-217



estruturas linguísticas”<sup>53</sup>.

O vaivém de que fala Revuz decorre exatamente do esforço necessário ao sujeito para expressar-se em L2 apesar da língua materna, que está implicada, como vimos com as entrevistas de Michel, intrinsecamente no processo de aquisição de língua estrangeira; é simplesmente impossível retirar a L1 do sujeito enquanto ele tenta apropriar-se de outra língua<sup>54</sup>. Impossível também seria aprender uma segunda língua sem ter como base a linguagem que a primeira língua viabilizou.

O professor de literatura comparada da Universidade de Princeton, Daniel Heller-Roazen, no livro *Ecolalias sobre o esquecimento das línguas*<sup>55</sup>, nos traz importantes contribuições acerca desse processo que culmina com o “estar-aí” da língua materna. Roazen reflete a respeito das muitas formas de esquecimento das línguas percorrendo culturas, retomando mitos e lendas e relendo teorias acadêmicas. Logo no primeiro capítulo, chama a atenção para o balbucio, caracterizado pelo período em que as crianças “fazem ruídos, que logo parecem antecipar os sons das línguas humanas, ao mesmo tempo em que são fundamentalmente diferentes delas.”<sup>56</sup> Esse período, conforme salienta Roazen, foi estudado por Jakobson, que observou a pluralidade de fonemas e de articulações que uma criança pode produzir<sup>57</sup>, o que torna possível inclusive sua constituição como falante de qualquer língua no mundo.

A novidade não está tanto na constatação do “arsenal fonético” de que a criança dispõe logo nos primeiros anos de vida – dado bastante difundido, aliás, na literatura sobre aquisição de linguagem – como na interpretação que Roazen faz do processo

---

53 REVUZ, 1998: 217

54 A metodologia direta de aprendizagem de línguas, utilizada, desde o início do século XX pelo sistema educacional francês, por exemplo, ancorava-se no pressuposto segundo o qual, para aprender uma língua estrangeira, era preciso deixar completamente em suspenso a língua materna, conforme podemos ver nas palavras de Cuq (2006): “A principal originalidade da metodologia direta consiste em utilizar, desde os primórdios da aprendizagem e desde a primeira lição, a língua estrangeira e a proibir todo recurso à língua materna (...)” No original: “*La principale originalité de la méthode directe consiste à utiliser, dès les début de l'apprentissage et dès la première leçon, la langue étrangère pratique em s'interdisant tout recours à la langue maternelle (...)*”

55 HELLER-ROAZEN, 2010

56 Ibidem. pg. 7

57 A passagem completa é a seguinte: “uma criança pode acumular articulações que nunca serão encontradas em uma única língua, ou mesmo grupo de línguas: consoantes com os mais variados pontos de articulação, consoantes palatalizadas e redondas, sibilantes, fricativas, cliques, vogais complexas, ditongos e assim por diante” Ibidem, pg. 7

compreendido entre o balbucio e o domínio do sistema finito de consoantes e vogais que caracteriza a constituição de um falante em uma determinada língua. A partir da afirmação de Jakobson de que, entre os ruídos do bebê e as primeiras palavras da criança, há uma interrupção decisiva, Roazen afirma que

quando a criança começa a falar uma língua única, ela obviamente não tem o que fazer com todas as consoantes e vogais que emitia antes, e é muito natural que, ao parar de empregar os sons que não estão contidos na língua que está aprendendo, logo se esqueça de como produzir.<sup>58</sup> [grifo nosso]

E continua:

É como se a aquisição da linguagem fosse apenas possível por meio de um ato de esquecimento, um tipo de amnésia linguística infantil (ou amnésia fônica, já que aquilo que o bebê parece esquecer não é a língua, mas uma capacidade aparentemente infinita para uma articulação indiferenciada). Seria o caso de a criança ficar tão presa à realidade de uma língua, que abandonaria o reino ilimitado, porém, em última instância estéril, que contém a possibilidade de todas as outras?<sup>59</sup> [grifo nosso]

Se o advento do falante for possível realmente apenas através do esquecimento de toda a capacidade fonética, a consequência direta para um aspirante a locutor de língua estrangeira é que o aprendizado dessa língua deverá ser marcado pelo processo inverso, ou seja, pela tentativa de rememoração da capacidade de produção de outros sons, sons estes distintos daqueles autorizados pela língua materna. Destarte, se para nascer um falante de língua materna, é imprescindível que o balbucio desapareça, para nascer um falante de língua estrangeira, é mister que se resgate aspectos desse balbucio e sua respectiva potencialidade fonética.

Notemos que a reflexão de Roazen ancora-se diretamente (embora não explicitamente!) no conceito saussuriano de língua – sobre o que falaremos mais detalhadamente no próximo capítulo – cuja principal característica é de ser um sistema formado por componentes que adquirem valor de acordo com suas diferenças: “Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias, nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e

---

58 HELLER-ROAZEN, 2010:8

59 Ibidem. pg. 8-9

diferenças fônicas resultantes desse sistema”<sup>60</sup>. Se analisarmos a enunciação de Michel a partir dessa reflexão, veremos que a mescla de dois sistemas – o do francês e o do português – mostra a existência de uma mediação entre o sistema fonético de sua língua materna e o sistema fonético da língua-alvo. Ao não conseguir produzir as vogais orais específicas ao sistema da língua francesa ([ə], [ø], [y] e [œ]), Michel adapta-as às vogais disponíveis em sua língua materna ([i], [u], [o], [e], [ɛ]). Já a tentativa de resgate dos sons esquecidos na passagem do balbúcio para a constituição do falante pode ser observada quando Michel efetivamente tenta produzir um som inexistente em sua língua materna e acaba por produzir um terceiro som, inexistente em português e tampouco em francês e de difícil classificação dentro do que nos oferece a tabela fonética internacional.

Como pudemos observar teoricamente nas reflexões empreendidas por Revuz e Roazen, e, empiricamente, com os exemplos de adaptações fonéticas apresentadas no dizer de Michel, a língua estrangeira efetivamente exerce um impacto sobre a língua materna do falante. O abalo desta primeira relação – entre sujeito e língua materna – resulta em uma segunda relação, qual seja a relação entre língua estrangeira e falante, marcada pelo êxito ou insucesso da tentativa de apropriação do sistema linguístico estrangeiro. Veremos, no próximo capítulo, como se dá esse processo levando em conta a determinante precisa da cultura, que sedimenta os sentidos adquiridos, tanto em língua materna, quanto em língua estrangeira.

## **4 O PAPEL DA CULTURA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Até o momento, analisamos os processos individuais pelos quais passam os sujeitos quando da tentativa de aquisição de uma língua estrangeira. Tivemos como fio condutor duas entrevistas concedidas pelo brasileiro Michel, cujos dizeres em língua francesa, além de mostrar-nos a influência da língua materna na produção de L2, asseveraram-se profícuos para tentar compreender também os motivos pelos quais uma L1 impõe-se para a L2, e as situações em que o enunciador já parece conseguir inscrever-se nesta outra língua.

A aquisição de língua estrangeira não é, no entanto, somente um processo linguístico. Há, no mínimo outras duas importantes dimensões que interpelam o sujeito. Já citamos os fenômenos psíquicos analisados pela psicanálise ao tratarmos de Louis Wolfson, esquizofrênico que não se reconhece em sua língua materna, do que dimana tamanho mal-estar a ponto de incitá-lo a querer desfazer-se de sua primeira língua, aprendendo línguas estrangeiras. Falta-nos, então, buscar compreender a influência, para a constituição do sujeito enunciador em L2, do que Benveniste caracterizou como “meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo”<sup>61</sup>, isto é, a cultura. Empreenderemos nossa análise a partir de quatro enfoques principais, a saber, a relação entre cultura e signo linguístico, entre cultura, língua e sociedade, entre cultura e indivíduo, e entre indivíduo, cultura e língua estrangeira.

### **4.1 O SIGNO LINGUÍSTICO NA CULTURA**

Em Saussure, a articulação teórica entre língua e cultura se dá principalmente pela noção de valor do signo linguístico articulado ao caráter social da língua. Voluntário ou involuntário – no caso de língua estrangeira e de língua materna, respectivamente –,

---

61 PLG I, pg. 32

o processo de aquisição de línguas caracteriza-se pela apropriação, por parte do sujeito, de um conjunto limitado de formas e sentidos que estão organizados segundo uma ordem própria<sup>62</sup>, compondo um sistema. Às formas e sentidos, Saussure chamou de imagens acústicas e conceitos ou ainda de significantes e significados, entidades psíquicas que formam signos linguísticos. Concebidos em um sistema fechado em que não há relação direta ou necessária entre significante e significado e, tampouco, entre signo e realidade designada – sobre o que falaremos na sequência –, os signos têm como características principais as de constituírem-se a partir de valores e de representarem uma realidade.

A noção de valor, para Saussure, está ancorada na idéia de que “os elementos [da língua] se mantêm reciprocamente em equilíbrio”<sup>63</sup>, regulados por relações em que o valor de um signo resulta, ao mesmo tempo, da presença e da ausência de outros signos. Assim, de acordo com o linguista, “os valores são sempre constituídos por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar, e por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa.”

<sup>64</sup> O conteúdo do signo linguístico só poderia ser estipulado, pois, “pelo concurso do que existe fora da palavra”, mas dentro do sistema linguístico.

Embora o valor do signo seja interno à língua, ele só consegue manter-se equilibrado, isto é, relativamente invariável, por força da massa falante, conforme podemos observar na afirmação de Saussure segundo a qual “Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social. Sua natureza social é um dos seus caracteres internos.”<sup>65</sup> Ao conceito de língua enquanto fenômeno simbólico coletivo, Saussure acrescenta, ainda, a noção do tempo, que permitiria às forças sociais “atuarem [sobre a língua] e desenvolverem seus efeitos”, ou seja, adaptarem-na à realidade que precisa ser significada.

A partir das reflexões saussurianas sobre valor e sobre a relação entre massa falante e signo linguístico, Benveniste desenvolve um construto teórico em que toma o

---

62 CLG, pg. 31

63 Ibidem, pg. 128

64 Ibidem, pg.132

65 Ibidem, pg. 92

modo semiológico – previsto por Saussure para constituir um campo epistemológico<sup>66</sup> tendo por base o caráter significante do signo – como nível constitutivo de todo sistema de signos e conjuga-o com o nível semiótico, também característico de um sistema simbólico. De acordo com o autor, no texto *A semiologia da língua*, o modo semiótico

designa o modo de significação que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade. (...) A única questão que um signo suscita para ser reconhecido é a de sua existência e esta se decide por um sim ou por um não. Todo o estudo semiótico (...) consistirá em identificar as unidades, em descrever as marcas distintivas e em descobrir critérios cada vez mais sutis da distintividade. [O signo linguístico] existe quando é reconhecido como significante pelo conjunto dos membros de uma comunidade linguística.<sup>67</sup>

Já o nível semântico, complementando o semiótico, trata do “modo específico da significância engendrado pelo discurso”<sup>68</sup> [grifos nossos], isto é, concerne à língua atualizada pelo falante em situação de enunciação e, mais do que isso, implica a co-referência do alocutário, vez que o objetivo é comunicar. Trata-se, pois, de um modo que supõe a cultura, afirmação que se traduz, de um lado, pela convergência solidária e necessária entre os valores dos signos veiculados pelo enunciador e os valores dos signos co-referidos pelo alocutário (uma mesma língua e sentidos muito aproximados), e, de outro, pela utilização da língua em sociedade, relação que estudaremos no item 4.2.

Vemos, pois, no que concerne especificamente ao signo linguístico, que a cultura transpassa-o de forma contundente. Para adquirir uma língua estrangeira, faz-se, pois, necessário ao indivíduo não somente ter acesso aos signos, isto é, manejar o modo semiótico, mas compreender, pela contrapartida semântica, os valores que tais signos estabelecem entre si, porque situados em uma cultura específica. Revuz, a esse respeito, contribui afirmando que “não há uma palavra que não seja, a um só tempo, designação de um conceito e discurso sobre o valor atribuído a esse conceito pelo ambiente. [Esse sistema de valores] diz aquilo que se pode dizer e aquilo que não

---

66 “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias. (...) Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social.” *In* CLG, pg. 24

67 PLG II, pg. 67

68 *Ibidem*, pg. 67.

poderia ser dito.”<sup>69</sup>

Há, ressaltemos, ainda uma terceira forma de perceber a influência da cultura no signo linguístico e, para tanto, é preciso retomar o que Saussure tem a dizer-nos acerca do arbitrário do signo. De acordo com o linguista, “o laço que une significante e significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante e de um significado, podemos dizer mais simplesmente [que] o signo linguístico é arbitrário.”<sup>70</sup> Assim, de acordo com o exemplo que fornecemos o linguista,

“a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r, que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf (“boi”) tem por significante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica e o-k-s (Ochs), do outro”<sup>71</sup> [grifo nosso]

O arbitrário do signo é, assim, o que permite a pluralidade de línguas e, acima de tudo, a variedade das representações e das valorações que cada língua desenvolve de acordo com a sociedade que representa simbolicamente e com a cultura em que está imersa<sup>72</sup>.

## 4.2 LÍNGUA E SOCIEDADE NA CULTURA

Uma vez destacada a implicação direta da cultura no sistema linguístico, é mister compreendermos como é que a língua implica a cultura. Benveniste, no texto *Vista*

---

69 REVUZ, 1998:219.

70 CLG, pg. 81

71 Idem. pg. 81-82

72 Se refletirmos brevemente às consequências que a arbitrariedade do signo acarreta ao processo de aquisição de língua estrangeira, chegamos ao que salienta a psicanalista Christine Revuz, no texto *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio*:

“Que haja somente uma palavra em russo para dizer braço e perna, que o sol seja feminino em alemão, que os ingleses digam “eu sou frio” e os russos “a mim, 25 anos”, o que estilhaça, ao contato com a língua estrangeira (...) é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, [estilhaça] a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação palavra à coisa. O arbitrário do signo linguístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes (...).” *In* REVUZ, 1998:223

*d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*<sup>73</sup>, considera que o ser humano é dotado de um aparato natural que é a faculdade de simbolizar, traduzida pela capacidade de “representar o real por um signo e de compreender o signo como representante do real.”<sup>74</sup> Tal faculdade nada mais é do que uma estrutura psíquica potencial que necessita do acesso a sistemas simbólicos para entrar em funcionamento, dentre os quais, o mais importante é a língua: “De fato, a faculdade simbólica no homem atinge sua realização suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência; todos os outros sistemas de comunicações, gráficos, gestuais, visuais, etc., derivam dela e a supõem.”<sup>75</sup>

Para a sociedade, a faculdade da linguagem ou a faculdade de representar tem uma função fundamental, visto que ela reproduz a realidade, pela língua, e torna possível, assim, a relação entre indivíduos:

A linguagem reproduz a realidade. (...) a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer em seu discurso o acontecimento e sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função. Para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.<sup>76</sup>

Sendo, pois, através da língua que o indivíduo recria sua realidade e entra em contato com outro indivíduo, podemos vislumbrar a existência de dois planos, o primeiro, da realidade dada, que só é apreensível pelo segundo plano, aquele da realidade recriada pela língua, ambos constituindo a instância cultura. Poderíamos, inclusive, falar em um terceiro plano, que é aquele recriado pelo alocutário a partir do discurso criado pelo enunciador.

Uma vez instaurada a língua no sujeito, todas suas relações com o mundo passam a ocorrer por intermédio daquela, que adquire caráter mediatizante e organizativo. Assim, posto que todo indivíduo se apropria do sistema linguístico ao

---

73 PLG I, pg. 19-33

74 Ibidem, pg. 27

75 Ibidem, pg. 28

76 Ibidem, pg. 24



nascer, não há indivíduo sem língua e inexistente, portanto, sociedade sem língua. Desta constatação, Benveniste afirma que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, [por esta], também o indivíduo.”<sup>77</sup> Trata-se de três dimensões – língua, indivíduo, sociedade – que se implicam mutuamente.

Na entrevista que concede ao jornalista e escritor Pierre Daix, publicada no livro *Problemas de Linguística Geral II* sob o nome de *Estruturalismo e Linguística*, Benveniste aprofunda suas reflexões e entrevê a intrínseca relação entre língua e cultura por sua característica comum de serem, ambas, sistemas estruturados pela noção de valor:

A cultura é também um sistema que distingue o que tem sentido e o que não tem sentido. (...) Para nós, a cor branca é uma cor de luz, de alegria, de juventude. Na China, é a cor do luto. Há, aqui, um exemplo de interpretação de sentido no seio da cultura; uma articulação entre certa cor e certo comportamento e, por último, um valor inerente à vida social. Tudo o que é do domínio da cultura participa (...) de sistema de valores. (...) tais valores são os que se imprimem na língua.<sup>78</sup>

Assim, enquanto estrutura mediatizante entre homem, sociedade e cultura, a língua acaba sendo impregnada pelos valores estabelecidos na cultura, mas esta também é influenciada por aquela à medida em que, majoritariamente, precisa dos signos da língua para veicular seus valores.

### 4.3 O SUJEITO NA CULTURA

A noção de subjetividade assevera-se central na obra de Benveniste, vez que traduz o que é, para o autor, a propriedade fundamental da linguagem: é o eu que se reivindica eu e funda-se no sistema. Ela implica, no entanto, ainda outro elemento, também este constitutivo da linguagem. Trata-se da intersubjetividade, que, além de estar presente em qualquer situação de enunciação, também diz respeito ao processo de aquisição de L1, já que “a criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens,

---

77 PLG I, pg. 27

78 Ibidem, pg. 24

[sendo] homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra”<sup>79</sup>. Assim, se a intersubjetividade traduzida pela existência do outro no discurso é imprescindível para que haja comunicação, é, também, determinante para o momento de aquisição de linguagem, vez que é a presença do outro que viabiliza, para a criança, o acesso ao sistema e postula a linguagem pela existência de um alocutário. Vejamos os desdobramentos desta afirmação.

No capítulo 2, vimos que subjetividade e intersubjetividade traduzem-se, na língua, pela possibilidade de um locutor apropriar-se da forma *eu* e de um alocutário ocupar a função de *tu*, aquele que ouve e co-refere; no discurso, pela efetiva e efêmera apropriação de tais índices; e, na cultura, pela existência de dois indivíduos, um que fala e o outro que escuta. Restaria, ainda, o que se costuma chamar de terceira pessoa, o *ele*. Para Benveniste, o índice *ele* é a não-pessoa do discurso, isto é, não representa um falante que mobiliza a língua para enunciar-se. Enquanto *eu* e *tu* fazem parte do discurso, o *ele* faria parte somente da língua e estaria, portanto, ausente da situação discursiva, que contém, na realidade, somente duas pessoas.

A professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Carmem Luci Costa Silva, no livro *A Criança na Linguagem – enunciação e aquisição*<sup>80</sup>, propõe-nos, todavia, outra leitura:

*na e pela enunciação essa aparente oposição pessoa (discurso)/não-pessoa (língua) dissolve-se, porque, ao colocar a língua em funcionamento, o locutor vale-se das formas de não-pessoa (língua), atribuindo-lhes referência no discurso e, ao fazer isso, o “ele”, não-pessoa, passa a figurar também como elemento subjetivo no funcionamento da linguagem.<sup>81</sup> [grifo nosso]*

Assim, embora não seja pessoa do discurso, o *ele* não deixa de fazer parte da instância de enunciação, visto que o locutor precisa de tal índice – a língua, fonte de referência – para expressar-se. Conforme Benveniste *apud* Silva, “a forma *ele* tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciador por ‘eu’”<sup>82</sup>. Assim, o *ele* estaria a serviço da subjetividade.

---

79 PLG I, pg. 31

80 SILVA, 2009

81 Ibidem, pg. 164

82 Ibidem. pg. 164

Em Silva, a relação estabelecida entre *eu*, *tu* e *ele* aparece como resultado de outros três processos intersubjetivos, nos quais, 1) a criança forma uma unidade constitutiva com o outro, formalizando uma conjunção criança/outro, 2) a criança toma consciência de sua situação de locutora, separando-se do outro (*tu*), e 3) a criança estabelece relação entre mundo e discurso e semantiza a língua (*e/le*), entrando, assim, no modo semiótico. Quando já consegue articular as diferenças entre o elemento subjetivo – sua própria enunciação –, o elemento intersubjetivo – seus alocutários – e a língua enquanto “possibilidade de atualização no discurso”<sup>83</sup>, a criança passa a operar no que Silva representou como *eu-tu/ele*<sup>84</sup>.

Para se tornar falante constituído, a criança precisa, no entanto, administrar os traços que a dimensão cultural deixa na língua, uma vez que esta dimensão “não está na linearidade do discurso, mas dele é constitutivo.”<sup>85</sup> Destarte, parece a cultura pela via do outro adulto já falante ser o fator que sedimenta a língua na criança de modo a precisar os sentidos dos signos dos quais a criança vai se apropriando, quando inserida na estrutura *eu-tu/ele*.

#### 4.4 SUJEITO E LÍNGUA ESTRANGEIRA NA CULTURA

No processo de aquisição de língua estrangeira, é possível encontrar características muito similares àquelas que marcam a aquisição da primeira língua. Com efeito, tendo em vista que, enquanto a criança não consegue enunciar-se pela língua, o locutor já constituído<sup>86</sup>, assumindo o papel de alocutário, muitas vezes fala por ela, outorga sentido a seus balbucios, gritos, gestos etc., e, além disso, representa para a criança, como afirma Silva, “o lugar da língua enquanto instituição social”<sup>87</sup> parece, na tentativa de produção de língua estrangeira, também o locutor nativo e o professor

---

83 SILVA, 2009: 222

84 Ibidem, pg. 222

85 Ibidem, pg. 222

86 Nomeamos locutor/falante constituído aquele que, normalmente adulto, está próximo à criança quando do período de aquisição de linguagem e é responsável, pois, por lhe viabilizar o acesso à língua.

87 SILVA, 2009: 164

exercerem a função de disponibilizar o sistema linguístico da L2 ao mesmo tempo em que atuam como alocutário da situação de enunciação. Assim, mantidas as diferenças entre uma criança que adquire linguagem e um sujeito que adquire língua – já tendo, pois, seu aparelho simbólico formado –, da mesma forma que o falante constituído passa a ocupar, em relação à criança, o lugar do alocutário, e passa a preencher também a instância linguística, o professor ou o falante nativo também apresentam-se, em relação ao aprendiz da L2, como alocutários, e, além disso, como detentores de uma “instância que comporta uma regularidade de língua”<sup>88</sup> em detrimento da língua irregular e incompleta produzida pelo aspirante a locutor de língua estrangeira.

Isto posto, enquanto para a língua materna a relação de assimetria se dá entre *eu* e *tu*, em que *eu*, por ser aquele que, no tempo, mobiliza a língua para expressar-se, é sempre mais importante do que o *tu*, na produção de língua estrangeira, o *tu* parece exercer grande tensão sobre o *eu* visto que representa a instância ideal da língua – o *ele* – e, portanto, certa “superioridade” linguística sobre o aprendiz. O processo de fundação do sujeito em L2 parece ser pautado, assim, sobretudo pelo modo através do qual o aprendiz concebe a articulação entre seu alocutário (*tu*), o professor ou o falante nativo, e seu objeto de desejo (*ele*), a língua estrangeira.

Os casos pouco exitosos de aquisição de L2 sugerem-nos justamente grande dificuldade em o aprendiz conseguir reivindicar-se *eu* por causa das consequências linguísticas que tal ato engendra, a saber, a postulação de um alocutário fluente e mais confortável na expressão em L2 do que o próprio locutor. Destarte, se o *tu* tomar dimensões tamanhas a ponto de intimidar o *eu* na sua tentativa de mobilizar da língua, teremos a nítida incapacidade de expressão em L2, como bem ilustra o exemplo trazido por Cavalheiro, no artigo *Que exílio é este, o da língua estrangeira?*<sup>89</sup>:

Tu não tá conseguindo falar / era assim que eu sentia / então tu tá com uma tranqueira aqui e para superar essa tranqueira a gente faz um esforço. / E aquilo começa a ficar cansado [sic] / é que dá uma angústia de tu não conseguir / de tu ter muita dificuldade / de ser um parto para tu dizeres uma frase simples e banal. / Tanto esforço para conseguir dizer aquilo<sup>90</sup>. [grifo nosso]

---

88 SILVA, 2009: 176

89 CAVALHEIRO, 2008

90 Ibidem, pg. 494-495

Trata-se de um adulto, aprendiz de inglês, que, mesmo enunciando-se em língua materna, é incapaz de reivindicar-se sujeito para falar de sua expressão em língua inglesa. Podemos perceber, com isso, que as relações de subjetividade e intersubjetividade estão alteradas, sendo que a língua-alvo, o inglês, parece ter adquirido tão notável proporção para o falante, que *eu* deixa seu lugar para o *tu*, não conseguindo nem mesmo tomar a palavra e postular, com isso, um alocutário fluente. O *tu*, colado rijamente à língua (*ele*), mostra-se deveras dilatado para o falante, afinal, se este é incapaz de pronunciar uma frase, ainda que “simples e banal”, como reivindicar-se *eu* dentro de um sistema que lhe demanda mais destreza do que aquela que ele pode oferecer?

A relação de assimetria que ocorre em língua materna toma, assim, novos contornos em língua estrangeira. É o *tu* e o *ele* que se mostram preponderantes para a aquisição, já que, para reivindicar-se *eu*, o sujeito precisa não almejar mobilizar a língua tal como o faz um falante nativo e resignar-se a uma apropriação ressignificada do *ele*, uma apropriação com limites – a base simbólica, sintática, fonética e prosódica da língua materna –, que são rijos, mas não imutáveis.

E a cultura, perguntaríamos, como contribui para o processo de tomada da palavra em língua estrangeira?

Uma primeira hipótese – reflexão advinda do percurso deste trabalho – que merece ser mais estudada concerne ao papel que a imersão linguística e cultural pode ter no sentido de facilitar e de, quem sabe, naturalizar a tomada da palavra em terras estrangeiras. Com efeito, da dimensão mais elementar, que é aquela em que um falante precisa comunicar-se para poder suprir suas necessidades básicas (alimentação, moradia, etc.), até um nível mais elaborado, que é aquele da relação, a prática da língua estrangeira em território em que ela é, para a maioria dos locutores, língua materna sugere-nos facilitar a distinção entre língua, *ele*, e alocutário, *tu*, visto que a aparente hierarquia entre *tu-ele* e *eu*, traduzida pelo fato de *tu* representar *ele*, dilui-se quando a língua estrangeira torna-se a língua da massa de falantes do local e perde o *status* de exclusividade da figura do falante nativo ou do professor. O *ele*, a língua, não

depende, assim, do aprendiz para circular, vez que compõe o meio social e é condição *sine qua non* para a comunicação, diferentemente do que ocorre em uma situação em que o êxito ou o insucesso da aquisição está centrado na produção do falante.

## 5 COMO DENOMINAMOS AS LÍNGUAS QUE FALAMOS

O que até o presente chamamos de língua materna, língua estrangeira, língua segunda (L2) e língua-alvo faz parte de um léxico utilizado para denominar as línguas com que temos mais ou menos contato durante a vida. Não adotamos, até agora, um único termo porque, tendo em vista que a denominação designa o *status* que a(s) língua(s) adquire(m) para o sujeito que a(s) fala e que, neste trabalho, objetivamos justamente compreender de forma aprofundada o *status* que as línguas têm para o sujeito, consideramos importante discutir as especificidades na aplicação de tais termos para, somente após, passar a utilizá-los com maior precisão.

Iremos debater, igualmente, a denominação dos processos de aquisição de língua estrangeira. Parece-nos, com efeito, que termos como aprendizagem, aquisição, apreensão, apropriação, etc., depreendem processos distintos no que diz respeito às formas de contato com L2 e, por conseguinte, a diferentes inscrições teóricas. Os termos sobre o processo de aquisição guiam-nos, pois, sobre uma relação mais ou menos íntima com esta outra-língua.

A fonte principal para tais delimitações será, sobretudo, o *Dicionário de didática do francês*<sup>91</sup>, organizado por Jean-Pierre Cuq, que nos apresenta os principais termos utilizados no ensino de francês como língua estrangeira e como língua segunda. Tendo em vista que a língua francesa está presente em todos os continentes, que é língua oficial de várias Organizações Internacionais, das quais a de maior envergadura é a ONU, e que é ensinada em vários países e territórios, é justificável a existência de um dicionário de termos da didática do francês para orientação dos docentes que se empenham no ensino da língua. Além disso, trata-se de um idioma que adquire *status* diferentes de acordo com sua relevância nos aspectos históricos e políticos do país em que é falada (língua minoritária, língua 2, língua oficial) e, por que não, nos aspectos subjetivos do povo (o desejo de expressar-se na língua, a rejeição à língua, etc.). Levando em conta que, neste trabalho, aborda-se principalmente a relação entre a língua materna portuguesa e a língua estrangeira francesa, nos parece adequada a

---

91 CUQ, 2003.

utilização de um suporte teórico que tenha como base principal o ensino da língua francesa.

Cuq classifica na letra L os termos língua, língua-alvo, língua de partida, língua de referência, língua de escolarização, língua dominante, língua dominada, língua estrangeira, língua materna, língua minoritária, língua mista, língua oficial, língua de parceria, língua primeira, língua privilegiada, língua segunda, língua-fonte, língua *standard*, língua veicular, língua vernácula, e, finalmente, língua vizinha. Separadamente, na letra F, são classificados os termos Francês Língua Estrangeira (FLE) e Francês Língua Segunda (FLS). Para o presente trabalho, não nos interessa analisar cada uma das 21 concepções de língua. Interessa-nos, sobretudo, aqueles termos que dialogam com o tema aqui abordado – a relação entre o sujeito e a L2. Seleccionamos, destarte, os termos língua, língua materna, língua estrangeira, língua primeira (L1), língua segunda (L2) e língua-alvo para tecer considerações, o que não impede que, eventualmente, incluamos algum dos outros termos no leque de análise. Há ainda a designação língua adicional (*additional language*), que, embora não citada no *Dicionário de didática do francês*, iremos analisar, tendo em vista sua crescente utilização no domínio da aprendizagem de língua estrangeira.

Para Cuq e professores colaboradores do Dicionário, o conceito de língua tem sido abordado por dois aspectos: um aspecto abstrato e sistemático, segundo o qual, língua seria sinónimo de idioma, e um aspecto social, que designa a língua como uma cultura. O primeiro aspecto tem, na sua explicação, clara influência saussuriana: “trata-se de estabelecer (...) as regularidades e as regras de funcionamento de um sistema que postulamos como sendo subjacente às produções efetivas”<sup>92</sup>. Tal aspecto, contudo, não exclui, como podemos observar no curso do verbete, a dimensão cultural que pauta a língua e é por isso que os autores concluem que “língua sendo definida como um objeto composto por um idioma e por uma cultura”<sup>93</sup>.

---

92 CUQ,2003: 147 No original: “*Les investigations de la linguistique générale et celles de la grammaire des langues particulières, (...) permettent aujourd'hui de poser deux aspects complémentaires du concept de langue, un aspect abstrait et systématique (langue = idiome) et un aspect social (langue = culture). Il s'agit, pour ce qui est du premier de ces deux aspects, d'établir, soit par l'observation, soit par l'application d'un modèle théorique, les régularités et les règles de fonctionnement d'un système qu'on postule comme sous-jacent aux productions effectives.*”

93 Ibidem, pg.148. No original: “*La langue étant définie comme un objet composé d'un idiome et d'une*



No verbete sobre língua materna, o texto não mais apresenta conceitos derivados de teorias, mas tenta sistematizar algo que é “empregado em numerosas disciplinas (dentre as quais, a linguística e a didática)” e que “é muito denso no que toca a sua história, assim como às conotações”<sup>94</sup>. Deste campo relativamente nebuloso, são elencados dois critérios de definição para o termo, a saber a ordem de aquisição e o contexto. Assim, seria língua materna a primeira língua adquirida pelo sujeito e, isto, em um contexto em que ela seria também a língua utilizada para comunicação. Além disso, segundo o Dicionário, seria necessário considerar, também, a língua da família e a da sociedade (a língua nacional), a língua da primeira socialização e a língua da escola; enfim, contextos familiares, sociais, culturais e políticos que interfeririam na caracterização da língua materna. Com o intuito de reduzir a dificuldade de aplicação do conceito, Cuq e seus colaboradores assinalam que se tem preferido o termo L1, ou Língua primeira, em detrimento de língua materna. Assim, o critério passa a ser puramente o da ordem em que as línguas são adquiridas e elimina-se as variantes subjetivas.

O conceito de língua estrangeira é primeiramente apresentado pela negação da língua materna: “toda língua não materna é uma língua estrangeira”<sup>95</sup>. Há, contudo, após essa definição, a listagem de três graus de distanciamento que caracterizariam uma língua estrangeira: a distância material ou geográfica, por exemplo, o japonês em relação ao francês; a distância cultural, evidenciada na diferença entre culturas; e a distância linguística, compreensível a partir da diferença entre família de língua romana e de língua eslava, por exemplo.

A designação L2 ou língua segunda, embora pudesse ser classificada pelo mesmo critério que o aplicado à língua estrangeira (toda língua que não é materna é, estrangeira), advém do critério do ordenamento, segundo o qual a língua estrangeira foi adquirida. Especificamente para o francês, o Dicionário caracteriza L2 como “um modo de ensino e de aprendizagem do francês a estudantes cuja língua materna não é o

---

*culture.*”

94 CUQ, 2003:150 No original: “*Employée dans plusieurs disciplines (dont la linguistique et la didactique) et dans le langage courant, la notion de langue maternelle est difficile à définir strictement, à cause de son épaisseur historique, de ses déterminations plurielles et de ses connotations étendues.*”

95 Ibidem, pg. 150 No original: “*Toute langue non maternelle est une langue étrangère.*”

francês, mas que passam a dever se comunicar nesta língua”<sup>96</sup>. Trata-se, neste caso, de uma designação de cunho político, empregada basicamente em países ou territórios francófonos que recebem número significativo de imigrantes, como é o caso do Canadá. Neste exemplo, a caracterização do francês como língua segunda é uma tentativa política de salientar a proximidade da língua francesa ao imigrante, que é, sobretudo na província do Québec, fortemente incentivado a aprender francês.

Ainda no campo das línguas não-maternas, temos o termo língua-alvo, definido pelo *Dicionário de didática do francês*, primeiramente, como “o código linguístico no qual uma mensagem é transformada pelo processo da tradução”, e, secundariamente, de acordo com a terminologia contrastiva, como “a língua estrangeira ou segunda (L2), cujo objeto de aprendizagem não apresenta os mesmos tipos de problema que a L1”<sup>97</sup>.

Temos, por último, o termo língua ou línguas adicional(ais), de utilização mais recente, que designa, segundo o livro *Ensinando inglês como língua adicional*<sup>98</sup>, todas as línguas faladas por um indivíduo, exceto a língua materna. Já o livro *Ensinando línguas adicionais*<sup>99</sup> corrobora a definição anterior e acrescenta que o termo “não é necessariamente inferior ou superior e tampouco uma substituição para a primeira língua do aluno”<sup>100</sup>, por isso da escolha deste termo na elaboração do documento sobre ensino de línguas, cujo órgão demandante é a UNESCO.

## 5.1 UM NOVO TERMO PARA DESIGNAR A RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO E AS LÍNGUAS QUE FALA

---

96 CUQ,2003: 108. No original: “L’expression Français Langue Seconde (FLS) désigne habituellement un mode d’enseignement et d’apprentissage du français auprès de publics scolaires dont la langue d’origine est autre que le français et qui ont à effectuer tout ou partie de leur scolarité dans cette langue.”

97 Ibidem, pg.149 No original: “On appelle langue cible le code linguistique dans lequel un message est transformé par le processus de la traduction. La langue cible peut également désigner, dans la terminologie contrastive, la langue étrangère ou seconde (L2), objet d’un apprentissage dont on affirme alors qu’il ne pose pas les mêmes types de problèmes que celui de la langue maternelle.”

98 DASH, N.; DASH, M., 2007: 15 No original: “The concept of additional languages applies to all, except, of course, to the first language.”

99 JUDD, E.; TAN, L.; WALBERG, H., 2001: 6

100Ibidem, pg. 6. No original: “Our choice of the term ‘additional’ underscores our belief that additional languages are not necessarily inferior nor superior nor a replacement for a student’s first language.”

Os conceitos até aqui estudados foram definidos pela Didática de Línguas de acordo com critérios vários, como o *status* social ou civil da língua (língua segunda), a ordem de aquisição (língua materna, língua segunda e língua adicional) e o processo de aquisição (língua estrangeira, língua segunda e língua-alvo). Como podemos notar, trata-se de critérios concebidos teoricamente, que levam em consideração o sujeito, mas que têm como principal intuito o de sistematizar as possíveis situações de língua para os falantes em geral. Para este trabalho, contudo, interessa-nos utilizar a nomenclatura de acordo com a relação que o sujeito estabelece com as línguas que fala, aceitando, por exemplo, que para determinados falantes a língua materna seja a segunda língua aprendida ou que língua-alvo venha a constituir-se língua primeira.

Tomamos como exemplo o caso do vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1981, Elias Canetti. Trata-se de um menino que, “nascido na Bulgária em 1905, (...) aprendeu em primeiro lugar o idioma dos judeus que moraram na Espanha até seu exílio em 1492: o ladino”<sup>101</sup>, língua semelhante ao castelhano, falada por comunidades judaicas originárias da Península Ibérica, também chamada de judeu-espanhol. Segundo o autor do livro, Heller-Roazen, o ladino “foi a língua da família e dos amigos, assim como a das primeiras cantigas de roda e das histórias que [Elias] aprendeu quando criança”<sup>102</sup>. Na contramão dessa imersão em ladino, havia a língua dos pais de Elias, o alemão, que era utilizado somente quando os progenitores comunicavam-se entre si. Segundo Elias, A relação de tempo e espaço muda a relação eu-língua.

Eu escutava com total intensidade e então lhes perguntava o que isso ou aquilo queria dizer. Eles riam, dizendo que era cedo demais para mim; aquelas eram coisas que só mais tarde entenderia. Já foi algo muito difícil arrancar deles a palavra “Viena”, a única que me revelaram. Pensava que estavam falando de coisas maravilhosas que apenas poderiam ser ditas naquela língua. Depois de implorar e implorar sem sucesso, corri com raiva para um outro aposento, que quase nunca era usado, e ali repeti para mim mesmo as frases que ouvira deles, em sua entonação precisa, como fórmulas mágicas<sup>103</sup>.

---

101 HELLER-ROAZEN, 2010:138

102 Ibidem, pg. 139.

103 CANETTI, Elias. *Die Gerettete Zunge*. pg. 10 In HELLER-ROAZEN,2010: 139

Planejou o destino que a família se mudasse para a Inglaterra em 1911, e que, um ano depois, o pai de Elias falecesse, o que impeliu a mãe, em 1913, a empreender uma nova mudança, desta vez, a Viena. A família não foi, no entanto, diretamente para a capital austríaca, mas para Lausana, cidade francófona da Suíça. O objetivo, segundo Elias,

era aprender alemão. Tinha 8 anos, deveria ir para a escola em Viena, e minha idade me colocaria na terceira série do primário. Minha mãe não podia tolerar o pensamento de que talvez não fosse aceito nessa série por causa da minha ignorância da língua, e estava determinada a ensinar-me o alemão o mais rápido possível<sup>104</sup>.

Embora tenha adquirido o ladino como primeira língua, e, tenha aprendido o inglês enquanto morava na Inglaterra, além de, já ter tido contato com outras diversas línguas na cidade em que nasceu e morou até os 6 anos, Rustchuk (hoje, Ruse), Elias enfrentou grande dificuldade para aprender o alemão, que lhe fora inicialmente negado pelos pais, mas que, como conta, despertou agudamente sua curiosidade. Conforme afirma Heller-Roazen sobre Elias, *sua mãe*, que era também sua professora, “acreditava nas propriedades perniciosas dos livros para o aprendizado de línguas”<sup>105</sup> e, por isso, seu método consistia em pronunciar uma frase em alemão, fazer Elias repeti-la até ser aceitável e, somente então, “dizer-lhe o que a frase significava em inglês, sem jamais repetir a tradução; o menino era obrigado a incorporar a frase instantaneamente e para sempre”<sup>106</sup>. Após a primeira aula, conta Elias,

o desempenho foi desigual. Perguntado sobre o sentido de uma das sentenças que repeti e aprendi no dia anterior, não consegui lembrar-me do sentido de nenhuma das frases, (...) apenas vacilei e fiquei quieto<sup>107</sup>.

A reação da mãe frente à inércia do filho foi demonstrada nas exclamações em que afirmava “Meu filho é um idiota! Não tinha noção de como meu filho é um idiota! Seu pai sabia alemão também, o que ele iria dizer?!”<sup>108</sup> Foi assim, segundo Heller-

---

104 ICANETTI, Elias. *Die Gerettete Zunge*. pg. 10 In HELLER-ROAZEN,2010: 139-140

105 Ibidem, pg. 142

106 Ibidem, pg.141

107 Ibidem, pg.141

108 HELLER-ROAZEN,2010: 141

Roazen, que “Elias tentava não esquecer o idioma que ainda não sabia.”<sup>109</sup>

O aprendizado real da língua passou a ocorrer somente após a mãe permitir que Elias utilizasse o livro que continha as frases em alemão. Segundo o menino, foi o começo de um período sublime, no qual mãe e filho “podiam conversar livremente na nova língua durante as aulas e fora delas”<sup>110</sup>. A necessidade da comunicação na língua era, sobretudo, da mãe, cuja “mais terrível ferida em sua vida ocorrera”, conforme conta Elias, aos 27 anos, ao perder o marido: “seu casamento real ocorrera na língua alemã [e sua mãe] não sabia o que fazer, sentia-se perdida (...) e tentava, o mais rápido possível, colocar Elias em seu lugar”<sup>111</sup>.

Assim, o domínio do novo idioma parecia ser ainda mais fundamental para Elias, que se tornou, de certa forma, depositário das dores e esperanças da mãe. Heller-Roazen afirma que, “pela forma com que Elias a apresenta, a terrível [e angustiante] instrução [em alemão] não lhe forneceu, como seria esperado, uma língua estrangeira, mas algo bem mais surpreendente: uma língua materna implantada tardiamente e sob verdadeira dor ('eine spät und unter wahrhaftigen Schmerzen eingepflanzte Muttersprache')”<sup>112</sup>.

Com efeito, não foi o ladino, nem o inglês aprendidos do 0 aos 8 anos, mas o alemão a língua com que o romancista e ensaísta de origem búlgara, de família judia e de naturalização inglesa passou a expressar-se. Tal fato ilustra perfeitamente o que buscamos mostrar neste capítulo: a relatividade com que devemos tratar os termos comumente utilizados para designar a relação entre os sujeitos e as línguas que falam. Língua materna, para Elias Canetti, não foi nem a primeira língua adquirida, nem a segunda língua aprendida, mas a terceira, em contexto em que a sensibilidade e a afetividade (e suas variações mais austeras!) pautavam o aprendizado. E, fato ainda mais surpreendente, o que muito tardiamente veio a ser a língua de expressão do escritor – o alemão – fora aprendido e não adquirido, segundo a nomenclatura corrente. Tratou-se, pois, de um processo que se costuma associar à língua estrangeira e não à

---

109 HELLER-ROAZEN, 2010: 142

110 Ibidem, pg. 142

111 Ibidem, pg. 142

112 Ibidem, pg. 142

língua materna.

No esforço de tentar compreender um pouco do universo que reúne falante e língua(s) que fala, propomos aqui, uma nomenclatura simples, baseada justamente nas possíveis relações que este falante pode empreender com esta(s) língua(s).

Haja vista que o termo língua materna designa, comumente, a primeira língua adquirida por um sujeito e que esta língua fica “responsabilizada” por introduzir o indivíduo no mundo e o mundo ao indivíduo por meio da fundação da linguagem e da subjetividade, chamaremos língua materna a língua que permitir ao indivíduo subjetivar-se, pois esta é a função, via de regra, da primeira língua. Iremos, contudo, além: propomos chamar a(s) língua(s) em que o sujeito consegue ser de língua de significação (primeira, segunda, terceira, etc., língua de significação), porque, independentemente de onde e quando ela(s) fora(m) adquirida(s), a condição para ser em uma língua é ter a capacidade de reivindicar-se sujeito. Assim, a condição fundante que tem língua materna fica mantida, mas apresenta-se, para o falante, ainda a possibilidade de fundar-se sujeito em uma língua outra e de, nesta língua, significar-se.

Por outro lado, propomos o emprego do termo língua estrangeira, utilizado comumente no Brasil para designar qualquer língua diferente do português, considerando seu sentido original (do latim, *extraneu*, externo ou que é de fora), que conota notável separação entre o falante e a língua<sup>113</sup>. A psicanalista Christine Revuz fornece-nos, a esse respeito, pertinente observação: “*a língua estrangeira [é] objeto de saber, isto é, objeto de uma aprendizagem raciocinada*”<sup>114</sup>. Assim, a língua estrangeira sempre está ausente do *eu* enunciador, porque é exterior a ele, constituindo-se, portanto, objeto de seu discurso e não fonte de significância. Notemos, todavia, que toda língua serve à significação, isto é, significa, e que, portanto, toda língua estrangeira pode vir a tornar-se uma língua de significação para um sujeito.

## 5.2 UM NOVO TERMO PARA DESIGNAR O PROCESSO

---

113 Utilizamos o termo outra-língua como sinônimo de língua estrangeira.

114 REVUZ, 1998: 215

Antes de concluir este capítulo, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre os termos utilizados para designar o processo de aproximação de um sujeito a uma língua. Assim como pudemos observar com a nomenclatura para as línguas, também para os processos é possível encontrar nuances de significado; não é à toa, pois, que encontramos na literatura sobre aquisição de linguagem, diferentes denominações dos processos (aquisição, apropriação, aprendizagem, etc.) relacionadas a diferentes relações entre sujeito e língua (L1, L2, língua materna, língua-alvo, etc.).

Jean-Pierre Cuq, autor do já citado *Dicionário de Didática do Francês*, observa a existência de quatro correntes linguísticas que trabalham com a noção de aquisição de linguagem, a saber:

Skinner (e a corrente behaviorista) concebem a aquisição como essencialmente fundada em fatores externos que favorecem o fortalecimento de comportamentos esperados; Chomsky e os gerativistas, [que] postulam a existência do Dispositivo de Aquisição de Linguagem, [baseado] na existência de fatores (...) biologicamente programados; Piaget, [que] postula a existência de um substrato biológico inato, mas que o define como funcional e cognitivo; Vygotski e Bruner, [que] sublinham a importância de fatores sociais na aquisição.<sup>115</sup>

Já no domínio da Didática de Línguas, frequentemente encontramos a oposição entre os termos aquisição e aprendizagem. O primeiro, segundo o dicionário supracitado, “é associado ao meio natural [compreendendo] um processo fortemente inconsciente e involuntário”, enquanto o segundo é “associado ao meio institucional [prevendo] um ato consciente e voluntário”<sup>116</sup>. Ainda de acordo com o dicionário, encontramos, no verbete que trata do termo aprendizagem, a afirmação de que “ela tem

---

115 CUQ, 2003:12 No original: “Skinner (et le courant béhavioriste) conçoit l'acquisition comme essentiellement fondée sur des facteurs externes qui favorisent le renforcement des comportements visés ; Chomsky et les générativistes postulent l'existence du Language Acquisition Device (LAD) (...). Ce courant est basé sur le postulat de l'existence de facteurs internes, biologiquement programmés ; Piaget (constructivisme) pose également l'existence d'un substrat biologique inné, mais le définit comme fonctionnel et cognitif ; Vygostki et Bruner (conception socio-cognitive) soulignent l'importance des facteurs sociaux dans l'acquisition (...).”

116 Ibidem, pg. 12 No original: “[L'acquisition] est associée à milieu naturel, et apprentissage est alors associé à milieu institutionnel. Pourtant, du point de vue didactique, il est utile de distinguer d'une part le processus largement inconscient et involontaire (acquisition) et d'autre part la démarche consciente et volontaire (apprentissage).”

por objetivo a apropriação [de uma língua]<sup>117</sup>. Assim, enquanto aquisição estaria relacionada a uma relação natural e inconsciente com a língua, aprendizagem refletiria um encontro artificial e consciente, manifesto por uma vontade de entrar em contato com a língua.

O termo apropriação, segundo Krashen<sup>118</sup> *apud* Cuq, no livro *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde*<sup>119</sup>, corresponde a um termo mais abrangente, que engloba a aquisição, “que seria um processo de apropriação natural, implícito, inconsciente, que implicaria uma focalização no sentido”, e a aprendizagem, “que seria, ao contrário, artificial, explícito, consciente e que implicaria uma focalização sobre a forma.”<sup>120</sup>

Neste trabalho, argumentamos pelo emprego do termo apropriação, mas por razões distintas daquelas apresentadas por Cuq. No texto *O aparelho formal da Enunciação*, Benveniste afirma que “Enquanto relação individual, a enunciação pode definir-se, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor (...)”<sup>121</sup> Tal processo, marcado pela mobilização de um sistema em favor da expressão do falante parece designar com justeza a locução em língua estrangeira, visto que, já havendo, para o falante de L2, um sistema simbólico e linguístico constituído, a utilização da língua estrangeira passa pela acomodação desta língua no *status quo* do outro sistema já estabelecido. O falante apropria-se do que é capaz, em língua estrangeira e adapta suas forma, sentido, sintaxe, àquilo que é capaz de produzir, assim, a apropriação traduz o processo de mediação que sujeito faz entre o que já está estabelecido pela L1 e o que L2 propõe como sentido, forma e valor.

---

117 CUQ, 2003:12 No original: “L'apprentissage est la démarche consciente, volontaire et observable dans laquelle un apprenant s'engage, et qui a pour but l'appropriation.”

118 KRASHEN, 1981

119 CUQ, 2006.

120 Ibidem, pg. 113

121 PLG II, pg. 84



## 6 SÍNTESE FINAL

Os questionamentos que suscitam o presente trabalho advêm da observação, quando da aquisição de língua estrangeira (L2) por um jovem brasileiro que estuda francês com vistas a imigrar ao Québec, de intensa intervenção da língua materna (L1) na produção daquela outra língua, o francês. Vimos ser necessário, antes de analisar a constituição do falante em língua estrangeira, compreender as razões da intervenção de L1 e, para tanto, trabalhou-se a partir dos conceitos de língua e fala da teoria de Ferdinand de Saussure compilada no Curso de Linguística Geral (CLG)<sup>122</sup>, e das noções de subjetividade, intersubjetividade, aparelho formal da enunciação, elaboradas por Émile Benveniste. A um lado, Saussure forneceu-nos a sistematização teórica sobre o conceito de língua e fala, respectivamente, estrutura que é o objeto da aquisição, e ato que denota a apropriação individual da língua. O linguista suíço, porém, deixa em suspenso o que ocorre singularmente quando o falante utiliza a língua para expressar-se e é por isso que, de outro lado, utilizamos os escritos de Benveniste<sup>123</sup>, cujas reflexões sobre a enunciação – que se dá através do ato de fala – privilegiam justamente seu caráter singular e a relação particular que cada sujeito estabelece com sua língua.

Através das reflexões advindas da articulação teórica entre os escritos de ambos os autores, suscitamos a hipótese de que o valor constitutivo que língua materna tem para o falante é o principal elemento a dificultar a apropriação de uma língua estrangeira, já que, além de ser o primeiro sistema que inscreve o sujeito no mundo, também exige do falante, não somente adaptação às novas estruturas sintáticas, morfológicas, prosódicas e fonéticas, mas também, a aceitação das diferentes formas de representação da realidade através da diferença entre os signos de L1 e L2, o que acaba por colocar em questão o próprio *status* da língua materna.

Compreender o valor da língua materna para o sujeito foi, então, mister para podermos refletir acerca do impacto que representa a L2 na estrutura linguística da L1 e

---

122 CLG, 2006

123 PLG I, 1976; PLG II, 1999

as possíveis dificuldades que o indivíduo encontra no momento em que tenta reivindicar-se sujeito na outra língua. Destarte, o que analisamos neste trabalho parte da relação linguística entre L1 e L2, mas busca sobretudo compreender como se dá o processo de aproximação do sujeito à língua estrangeira e de como este sujeito mobiliza a estrutura simbólica L2 para expressar-se e significar-se.

Tomando as ponderações de Saussure e de Benveniste acerca do papel da cultura na constituição do falante, dos valores dos signos da língua e da sociedade, consideramos deveras pertinente incluir a dimensão cultural na análise do processo de apropriação de língua estrangeira, visto que o ato de enunciação em língua estrangeira se dá sempre na instância social e não fora dela. Para tanto, conjugamos as reflexões saussurianas e benvenisteanas com aquelas empreendidas por Silva<sup>124</sup>, que, em seus trabalhos sobre aquisição de linguagem, propõe-nos uma representação da dinâmica que se estabelece entre os índices de pessoa, *eu* e *tu*, e o índice de não pessoa, *e/e*, associados ao primordial papel da cultura, instância que delimita os sentidos de uma língua.

Uma vez postulada por Silva a intersubjetividade como propriedade que, na aquisição de linguagem, instala o alocutário e viabiliza a língua para a criança, podemos, por analogia, vislumbrar como se dá o processo de apropriação de língua estrangeira: visto que a entrada em contato com a L2 também ocorre pela presença de um falante que, além de alocutário, também representa a regularidade da língua – em detrimento do aprendiz, cuja estrutura de língua estrangeira é precária –, *tu* passa a viabilizar a língua para o sujeito. Distintamente, no entanto, do processo em língua materna, na apropriação de língua estrangeira essa aproximação entre *tu* e *e/e* nem sempre contribui para a tomada da palavra pelo falante aprendiz. Com efeito, o exemplo trazido por Cavalheiro<sup>125</sup>, em que um brasileiro, ao contar sua experiência no aprendizado da língua inglesa, exprimia-se em segunda pessoa, não conseguindo, portanto, reivindicar-se sujeito mesmo em sua língua materna, mostra-nos uma situação em que *tu* aparece dilatado para o *eu*, como se aquele não só representasse a

---

124 SILVA, 2009

125 CAVALHEIRO, 2008

L2, mas a personificasse. Nesse sentido, reivindicar sua subjetividade através do índice *eu* implicaria ao sujeito postular-se como falante capaz de referir em língua estrangeira tal como o faz seu seu alocutário, que é fluente nessa outra língua. Estando ciente de que sua capacidade de referir em L2 está muito aquém da capacidade de seu alocutário, o *eu* falante não adota a posição de *eu* enunciador e tem dificuldades de apropriar-se, assim, da língua estrangeira.

Diante dessa dilatação do *tu*, que, em situação artificial de apropriação de língua estrangeira aparece colado ao *e/e*, levantamos a hipótese segundo a qual a imersão linguística poderia contribuir para a separação, para o aprendiz, entre *tu* e *e/e*, visto que, de um lado, o objetivo da apropriação desloca-se, deixando de representar êxito ou insucesso e passando a exprimir a necessidade de comunicação; e, de outro, o *e/e*, língua, não depende do falante para circular, porque faz parte da massa social – ao contrário da língua estrangeira, que fica localizada no aprendiz e no professor ou falante nativo. Trata-se, como já apontamos, de uma hipótese que merece ser melhor explorada.

Por fim, levando em conta o exemplo de Elias Canetti, que adquiriu somente aos 8 anos a língua que utilizaria por toda sua vida, e, também, as reflexões empreendidas acerca do papel significante das línguas, propusemos um termo alternativo para denominar o que comumente chama-se de língua materna, primeira língua, L1. Sugerimos chamar às línguas que um sujeito fala de língua de significação primeira, segunda, terceira, ..., no intuito de priorizar, na nomenclatura, a relação entre sujeito e língua, em detrimento de seu *status* político ou cultural. No mesmo sentido, refletimos à nomenclatura empregada para o processo de entrada em relação com línguas (aquisição, apropriação, aprendizagem, etc.) e, com base no que nos dizem Benveniste<sup>126</sup> e Silva<sup>127</sup>, sugerimos o termo apropriação, já que ele parece enfatizar, sobretudo, a síntese linguística e cultural que cada falante empreende ao entrar em contato com uma língua estrangeira, o que postula, de imediato, a noção de singularidade que marca qualquer processo de apropriação de língua.

---

126 PLG I, 1976; PLG II, 1999

127 SILVA, 1999

## 7 REFERÊNCIAS

BARBISAN, Leci. *O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot*. IN Letras n° 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos. Disponível em [[http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r33/revista33\\_3.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r33/revista33_3.pdf)]. Consulta em 19-11-2011.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística general II*. Mexico: Editora Sículo Veintiuno, 1999.

CALIGARIS, Contardo. *Hello Brasil*. São Paulo: Escuta, 1991.

CAVALHEIRO, Ana P. *Que exílio é este, o da Língua estrangeira?* IN Linguagem & Ensino, Pelotas, v.11, n.2, p.487-503, jul./dez. 2008. Disponível em [[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/Ingles/anacavalheiro.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/Ingles/anacavalheiro.pdf)]. Consulta em: 30-11-2011

CUQ, Jean-Pierre. *Dictionnaire de didactique du français*. France: Cle International. 2003.

CUQ, Jean-Pierre; GRUCA, Isabelle. *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde*. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, 2006.

DASH, N.; DASH, M. *Teaching english as a additional language*. Nova Delhi: Atlantic Publishers, 2007. (no prelo)

FARIAS, Bruna Sommer. *A passagem de locutor a sujeito da enunciação em L2: um*

*olhar enunciativo da aquisição*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

HELLER-ROAZEN, Daniel. *Ecolalias – sobre o esquecimento das línguas*. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

JUDD, Eliot, TAN, Lihua et WALBERG, Herbert (orgs.). *Teaching additional languages*. International Academy of Education (IAE), Palais des Académies (IBE). França: 2001. Disponível em [[http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user\\_upload/archive/publications/EducationalPractcesSeriesPdf/prac06e.pdf](http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/archive/publications/EducationalPractcesSeriesPdf/prac06e.pdf)] Consultado em: 19-11-2011.

MALMBERG, Bertil. *La phonétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

MELMAN, Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.

NUNES, Paula Ávila. *O tradutor como função enunciativa: uma análise de autotradução*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

REVUZ, Christine. *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio*. IN SINGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. Pgs. 213-230.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem – enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

## 8 ANEXO I

### TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

DIA: 12 DE MAIO DE 2011

DURAÇÃO: 41'04"

#### Códigos

**Jan:** entrevistadora

**Mic:** entrevistado

[...] : pausa para pensar

[RH]: tosse

[RS]: risos

[INC]: incompreensível

[3INT]: 3a interlocutora

[EEE]: alongamento do [e] final, segundo a prosódia da língua portuguesa

1. **Jan:** Donc qui est le requérant principal?
2. **Mic:** C'est man épouse [EEE], Dani.
3. **Jan:** Ok. Ahm [...] Avez-vous besoin d'un interprète?
4. **Mic:** Non, non, je parle français.
5. **Jan:** Ok [...] Est-ce que c'est la première fois où vous faites une demande d'immigration?
6. **Mic:** Oui, et j'espère que c'est la ultim.
7. **Jan:** Comment vous vous appelez?
8. **Mic:** Je m'appelle Michel André Aires Silveira<sup>128</sup> et ma femme Daniela Eidt Battist.
9. **Jan:** Est-ce que vous avez changé votre nom ou pré-nom...
10. **Mic:** Non, non, c'est le même.

---

128 Nomes pronunciados segundo a entonação da língua portuguesa.

11. **Jan:** Vous êtes nés où?
12. **Mic:** Pardon?
13. **Jan:** Où vous êtes nés?
14. **Mic:** Ahhhh [...] Je suis né à Maceió, ...é [...] Alagoas.
15. **Jan:** Et votre épouse?
16. **Mic:** Ééé [...] elle a née [EEE] à Rio Grande do Sul...
17. **Jan:** Ok... et quelle ville?
18. **Mic:** Elle née à [...] Ahh [...] Je ne me souviens pas mais c'est une petite ville de Rio Grande do Sul.
19. **Jan:** Et, ahm, vous avez quel âge?
20. **Mic:** Je suis vingt-cinq, vingt-six ans et mon épouse, vingt-huit ans.
21. **Jan:** Ok, donc vous êtes brésiliens.
22. **Mic:** Oui, les deux.
23. **Jan:** Et vous habitez où?
24. **Mic:** Nous habitons à Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
25. **Jan:** Ok. Sur quelle rue?
26. **Mic:** Centreville.
27. **Jan:** Quelle rue?
28. **Mic:** Sur Rua Duque de Caxias. Appartement, c'est deux<sup>129</sup>-six-neuf é le numéro de l'appartement. Et l'appartement, c'est le douze.
29. **Jan:** Et depuis quand vous habitez dans cet appartement?
30. **Mic:** Je suis habité à cet appartement depuis 5 ans mais man épouse, elle habité depuis 15 ans plus ou moins.
31. **Jan:** Ok. Vous êtes mariés depuis quand?
32. **Mic:** Nous avons marié[...] Nous vivons ensemble beaucoup de temps. J'ai cinq ans que je vive avec elle, nous vivons ensemble, mais nous fait le cerimônia é [...] un an, deux ans plus ou moins [...] há un an, deux ans.
33. **Jan:** Et [...] Ahm[...] Qu'est-ce que vous pensez de Porto Alegre?
34. **Mic:** C'est un petit [...] ééé [...] plus grand que Maceió parce que [EEE] à Maceió

---

129 Pronunciado [du] e não [dø], pronúncia da língua francesa.

[...]. C'est comme uma petite ville. Tout le monde connaît tout le monde que c'est plus [...] faire l'amizé [...] amizé, non [...] amizé? Je ne [...]

35. **Jan:** Amitié [...]

36. **Mic:** Amitié [...] Isso! É [...] parce que c'est comme un grand famille et ici comme c'est un grand ville c'est un peu différent, différente.

37. **Jan:** Ok. Et vous avez des enfants?

38. **Mic:** Non, non.

39. **Jan:** Non?

40. **Mic:** Mais [...] nous [...] voudrions deux<sup>130</sup>, peut-être trois enfants.

41. **Jan:** Ok [...] Où est-ce que vous travaillez?

42. **Mic:** Je travaille chez moi [...] é [...] Parce que j'ai décidé rester chez moi un peu par faire quelque chose personnel et aussi un ou deux travaille pour [...] Ééé [...] pour une autre personne.

43. **Jan:** Et quel genre de travail vous faites?

44. **Mic:** Je fais les sites dans internet.

45. **Jan:** Ok. Et votre épouse?

46. **Mic:** Elle travaille aussi avec les informatiques et elle fait aussi les sites sur internet. Mais [EEE] elle travaille dans entreprise, une petite entreprise<sup>131</sup> [...] compagnie?

47. **Jan:** Ok.

48. **Mic:** Compagnie. Company. À Porto Alegre.

49. **Jan:** Qu'est-ce qu'elle fait là-bas?

50. **Mic:** Elle est la principelle prograteuse de la compagnie. Elle fait tous les choses qui nécessitent programmeur.

51. **Jan:** Ok. Et depuis quand elle travaille dans cette entreprise?

52. **Mic:** Elle travaille cette entreprise depuis un an, deux ans, je pense que deux ans. Un an et demi, peut-être.

53. **Jan:** Ok. Tu ne peux pas mentir.

---

130 Pronunciado de acordo com a fonética da língua francesa.

131 Apresenta dificuldade de articular o fonema [R].



54. **Mic:** Je ne sais pas. Mais pergunté par elle.
55. **Jan:** Ok. Et vous, est-ce que vous avez déjà travaillé de façon formelle dans une...
56. **Mic:** Oui.
57. **Jan:** Oui?
58. **Mic:** J'ai travaillé avec la langage PHP. J'ai commencé à travailler avec la langage PHP à Porto Alegre aussi et après j'ai changé pour le Dotnet que c'est la langage [...] [RH], pardon [...] la langage de programmation que je<sup>132</sup> travaille aujourd'hui,.
59. **Jan:** Ah... ok... Et [...] ahm [...] dans quelles entreprises vous avez travaillé?
60. **Mic:** J'ai commencé avec la programmation à Planetec et depuis un an j'ai [...], j'ai resté chez moi parce que [INC] ... un accident. Je ne me souviens pas comment se dit en français.
61. **Jan:** Ok.
62. **Mic:** Et depuis j'ai récupéré<sup>133</sup> la santé et j'ai trouvé un autre travail avec PHP aussi et après j'ai recommencé le travail avec le Dotnet dans entreprises [...] tous les entreprises sont de Porto Alegre. À Porto Alegre.
63. **Jan:** Ok. Quelle est l'entreprise où vous êtes resté plus de temps?
64. **Mic:** Ah [...] Onze mois à Planetec et puis qua, six mois, je pense, à API.
65. **Jan:** Pourquoi vous avez quitté les entreprises!?
66. **Mic:** À Planetec, j'ai quitté parce que je [...] j'ai fait le<sup>134</sup> [...] je ne me souviens pas comment se dit machucado en français...
67. **Jan:** Se blesser.
68. **Mic:** J'ai blessé. Et API j'ai quitté parce que j'ai commencé à travail, mon travail avec Dotnet et après c'est fini le projet dans cette entreprise que j'ai travaillé avec Dotnet et j'ai quitté aussi et commencé dans autre entreprise de Dotnet aussi.
69. **Jan:** Ok.

---

132 Mesma pronúncia para *je* e para *j'ai*.

133 Não articula o fonema [y].

134 Pronuncia [le] ao invés de [lø].

70. **Mic:** Et j'ai quitté pour finir quelque chose chez moi et préparer pour l'entrevue<sup>135</sup>.
71. **Jan:** Et au Québec vous voulez travailler sur ça aussi, sur l'informatique?
72. **Mic:** J'espère travailler dans l'informatique<sup>136</sup>, mais je ne sais si je vas trouver quelque chose quand je arrive et j'ai recherché beaucoup de emplois pour des areas.
73. **Jan:** Beaucoup de [...]
74. **Mic:** Des [...] Area [...] non [...]
75. **Jan:** Ah! Domaines [...]
76. **Mic:** Domaines! Domaines! Merci! Beaucoup de domaines que sont d'estudiantes ou des informatiques, aussi de PHP, aussi de Dotnet et aussi quelque chose [EEE] de un bar, pour exem.
77. **Jan:** Dans un bar?
78. **Mic:** É [...] comme un garçon, pour exemple.
79. **Jan:** Comme un serveur.
80. **Mic:** Comme un serveur...
81. **Jan:** Ok [...] mais ça [...] vous espérez trouver un emploi [...]
82. **Mic:** É [...] c'est, mais [EEE] seulement l'ultime chose.
83. **Jan:** Dernière.
84. **Mic:** Dernière chose.
85. **Jan:** Ok [...] Est-ce que vous parlez anglais?
86. **Mic:** Yes.
87. **Jan:** Oui? Et quelles autres langues vous parlez?
88. **Mic:** Je parle français. Y speak english e falo português.
89. **Jan:** Et où est-ce que vous avez appris le français?
90. **Mic:** J'ai commencé appris le français dans un cours de français quand j'ai décidé avec ma femme pour immigrer à Canada.
91. **Jan:** Ok.
92. **Mic:** Et puis un an et demi plus ou moins, j'ai fini le cours et commencé à... um

---

135 Pronuncia, ao invés de [y], [i].

136 Palataliza os fonemas [ti], pronunciando [tʃi].

cours particulière avec une professeure spécialisée à immigration à Québec et je [...] nous [...] nous faisons quatre-vingt heures, je pense, plus ou moins...

93. **Jan:** Dans le cours privé?

94. **Mic:** Dans le cours privé. Ééé [...] Le cours<sup>137</sup> avant le cours privé que j'ai fait, c'est un an et demi. Je ne calculé pas le temps..

95. **Jan:** Le temps [...] Ok. Et pourquoi vous voulez immigrer au Canada?

96. **Mic:** Ah! Beaucoup de mots. Beaucoup de raisons mais le principal c'est sécurité<sup>138</sup>, la santé et aussi l'éducation. Parce que nous avec besoin un place que c'est secure<sup>139</sup> et que valorise la personne. Et pour crier notres enfants. Et aussi parce que beaucoup de choses que au Canada c'est normal, ici au Brésil c'est un peu différent. Commo [...]

97. **Jan:** Par exemple...

98. **Mic:** Nous fait le roller et ici c'est un po difficile par [...] beaucoup de preconceito.

99. **Jan:** Préjugé.

100. **Mic:** Préjugé! Beaucoup de préjugé! Et là-bas c'est le sport national. C'est plus proche de la [...] [INC].

101. **Jan:** Ah! Ok! Et ahm [...] Qu'est-ce que vous savez du Canada?

102. **Mic:** Le basique que c'est le sport national, c'est le hockey, le animal, c'est le castor. Mais aussi je sais que le Québec c'est [INC] beaucoup indépendante. C'est la langue française, la langue officielle. La santé i la public sont séparés.

103. **Jan:** La politique [...]

104. **Mic:** La politique [...] elle est séparée de la santé.

105. **Jan:** Non, de la religion.

106. **Mic:** De la religion. Et la santé est séparée de la religion aussi.

107. **Jan:** Oui! [RS] Ok [...] quoi plus?

108. **Mic:** Montréal<sup>140</sup> possède 45 plus ou moins kilomètres soubterrains, mille quinze cinq quilomètres de cyclovies, le transport public c'est très efficient,

---

137 Não pronuncia o [R] final.

138 Pronuncia, ao invés de [y], [i].

139 Pronuncia [y].

140 Pronuncia o [t], segundo uma pronúncia do português, mas articula o [l], utilizando pronúncia do francês.

comme le train et l'autobus.

109. **Jan:** Et comment est-ce que vous savez ça?
110. **Mic:** J'ai recherché dans internet et ma professeure aussi m'informé parce qu'elle a visité o Québec pour enseigner portuguê aussi là-bas.
111. **Jan:** Et quand, après être au Québec, quand espérez-vous trouver un emploi?
112. **Mic:** Ah [...] J'espère trouver emploi con second.
113. **Jan:** Deuxième [...]
114. **Mic:** Deuxième mois [...]
115. **Jan:** Pourquoi?
116. **Mic:** Parce que je vas recherche beaucoup et je sais beaucoup de sites de [...] une liste de site [...] et pour trouver [EEE] quelque chose, quelque tipo de travail.
117. **Jan:** Ok [...] et qu'est-ce que vous allez faire si vous ne trouvez pas du tout?
118. **Mic:** Pardon?
119. **Jan:** Qu'est-ce vous allez faire si vous ne trouvez pas un emploi?
120. **Mic:** Je vas rechercher un emplois de ma domaine, mais si je ne trouve pas je vas rechercher un emplois de quelque domaine.
121. **Jan:** Mais est-ce que vous avez de l'expérience comme serveur?
122. **Mic:** Oui, j'ai travaillé quand j'ai dix-six ans...
123. **Jan:** Seize ans?
124. **Mic:** Dix-seize ans.
125. **Jan:** Seize ans.
126. **Mic:** Ah!
127. **Jan:** Quinze, seize, dix-sept.
128. **Mic:** Oui, oui! Pardon! Quand j'ai seize ans, j'ai commencé à travailler avec les vendes de quelque chose et quand j'ai completé dix-huit ans, j'ai commencé à travailler avec les vendes et le matériel de construction et [...] aussi aider mon frère avec le hardware que c'est un autre part de l'informatique.

129. **Jan:** Et quel moyen de recherche vous connaissez pour [...] pour la recherche d'emploi?
130. **Mic:** Pardon?
131. **Jan:** Et quel moyen de recherche vous connaissez pour [...] pour la recherche d'emploi?
132. **Mic:** Cettes sites<sup>141</sup> que je trouve et aussi j'ai aussi beaucoup de temps de marcher pour les sites et rechercher des places.
133. **Jan:** Ok. Et est-ce que vous connaissez quelqu'un qui habite au Québec ou au Canada?
134. **Mic:** Au Canada aussi [...] je connaître, mais au Québec, peut-être. Ééé, eu, je connaître, je connu, j'ai connu un couple qui vivre à Toronto. La femme, c'est un amie de, de enfance.
135. **Jan:** Ok [...] elle travaille sur quoi là-bas?
136. **Mic:** Le homme travaille avec l'informatique et la femme travaille avec la traduction.
137. **Jan:** Ok. Et ils ont immigré ça fait combien de temps?
138. **Mic:** Il ne, elle immigré ça fait 2 ans. Mais il arrive au Canada 5 ans.
139. **Jan:** Ok [...] Et est-ce qu'ils vont vous aider à vous adapter là-bas?
140. **Mic:** Oui, et parce que [EEE] [INC] beaucoup de site que pour moi trouver quelque chose et aussi nous connons, nous connu, éé deux autres couples qui vont immigrer aussi pour Montréal.
141. **Jan:** Où vous avez connu ce couple?
142. **Mic:** Dans un cours de français que nous commençons ensemble.
143. **Jan:** Que nous avons commencé ensemble [...] Mais est-ce qu'ils ont déjà passé l'entretien?
144. **Mic:** Oui.
145. **Jan:** Oui? Est-ce que vous avez déjà vu des photos du Québec?
146. **Mic:** Oui! Je recherche tout le temps que je possède livre, libre [EEE].
147. **Jan:** Ok [...] et est-ce que vous êtes déjà allés au Québec?

---

141 Pronuncia o [s].

148. **Mic:** Non. Infelizment<sup>142</sup>, non.
149. **Jan:** Ok. Et pourquoi est-ce vous voulez immigrer sans y être allés?
150. **Mic:** J'ai sorti Maceió pour Rio Grande do Sul et aussi je n'i a pas visité ou quelque chose. Et j'adoré. C'est tout mieux que Maceió. Et quand j'ai parlé avec Dani, nous décidons que trouver le mieux loueux pour vivre ensemble et nous recherchons beaucoup de places. Recherchons beaucoup de place et le mieux de tout le [INC] c'est le Canada.
151. **Jan:** Pourquoi?
152. **Mic:** Aussi pour la santé, la sécurité, l'éducation, le transport public.
153. **Jan:** Mais comment est-ce que vous pouvez savoir que tout ça marche si vous n'y êtes jamais allés?
154. **Mic:** Non! Je ne peux savoir mais je peux rechercher et veux l'opinion des personnes qui vivent là-bas.
155. **Jan:** Et combien [...] et est-ce que vos parents restent en vie?
156. **Mic:** Oui. É [...] Mon parents vivre ensemble à Maceió.
157. **Jan:** Ok [...] et ceux de Daniele?
158. **Mic:** De Dani aussi, ils sont vivre à Porto Alegre.
159. **Jan:** Ok [...] et qu'est-ce qu'ils pensent de votre immigration?
160. **Mic:** Appuyer. Apoio. Ils incent [...] incentivez [...]
161. **Jan:** Ils encouragent, stimulent.
162. **Mic:** Ils encouragent et approuver.
163. **Jan:** Pourquoi?
164. **Mic:** Ah, je pense que c'est parce que ils pensent que nous sommes responsables et que là-bas c'est mieux qu'ici. Ma belle-mère pensé en peut-être immigrer en tentar immigrer aussi pour Canadá.
165. **Jan:** Et est-ce que vous voulez rester le reste de vos vies là-bas ou vous voulez retourner, revenir au Brésil?
166. **Mic:** Non, rester. Notre désir c'est faire le vie au-bas. Non retourner.
167. **Jan:** Comment vous vous sentez par rapport à l'obligation d'apprendre le

---

142 O falante pronuncia o sufixo *in* pelo inventário fonético da língua francesa, isto é, um [ɛ̃] nasalizado.

français?

168. **Mic:** Non, c'est une obligation, mais c'est bon, une autre langue, je pense, tipo. J'ai besoin appris une autre langue après le français et après j'ai appris tout le anglais aussi pour [...] é [...] parce que je pense en faire université et faire doctorat à Montréal et c'est bon une personne qui parle quatre idiomes.
169. **Jan:** Et qu'est-ce que va vous manquer du Brésil?
170. **Mic:** Pardon.
171. **Jan:** Qu'est-ce que va vous manquer du Brésil?
172. **Mic:** Peut-être la plage.
173. **Jan:** Ok. Et combien d'argent vous avez pour l'immigration?
174. **Mic:** Nous pensons en faire le voyage, l'imigration à avril prochaine, mais notre calcul c'est vingt mille reais, c'est plus ou moins dix mille, onze mille dollars.
175. **Jan:** Et comment vous allez dépenser tout ça?
176. **Mic:** Le budget c'est ici... notre premier moins c'est le plus difficile et le [INC] après aussi. C'est tout notre calcul basé en l'expérience de autres personnes et notre recherche, notre recherchons dans l'internet.
177. **Jan:** Et comment vous envisagez les premiers jours au Canada?
178. **Mic:** [...] [...] [...] Jolis et confusés.
179. **Jan:** Pourquoi? Confus?
180. **Mic:** Ah [...] notre plan quand je arrive à Porto Alegre, c'est la même chose. Je, é, recherché quelque chose familière, mais c'est le premier impact. Mais après l'adaptation c'est un peu loin, mais je pense que c'est bon.
181. **Jan:** Ok, mais en ce qui concerne les démarches, les activités, ce que vous allez faire.
182. **Mic:** Commencer [...] Notre premiers jours, peut-être premiers semaines, rester dans un hôtel pour trouver un louer pour louer.
183. **Jan:** Un loyer pour louer.
184. **Mic:** Et faire tous les papiers et connaissez un peu la ville et après quand j'ai, é [...] louer quelque chose, aí commencer à trouver un emploi et aussi ... éé [...] finaliser tous les papier nécessaires.

185. **Jan:** Et dans cinq, dix ans, qu'est-ce que vous voulez faire?
186. **Mic:** Cinq ans, je pense que je vais posséder un bon travail et peut-être un université. [INC]. Un, peut-être, deux enfants. Et dix ans, deux enfants, peut-être trois. Avec mon mestrat peut-être doctorat.
187. **Jan:** Et si jamais vous ne trouvez pas d'emploi pendant un an, qu'est-ce que vous allez faire?
188. **Mic:** Je pense qui n'est pas possible parce que je n'ai pas quelque chose de, je n'ai pas de préjugé de quelque job et j'ai pas de problème pour travail et je pense qu'il n'est pas de possible. Mais pour répondre la question, je pense en rechercher plus.
189. **Jan:** Plus.
190. **Mic:** Plus.
191. **Jan:** Ok.. je t'ai pas corrigé les choses parce que je voulais pas, en fait...  
Ce que j'ai noté c'est que toi, t'es plus à l'aise pour parler...
192. **Mic:** À l'aise?
193. **Jan:** À l'aise, confortable. Mais c'est toi [3INT] la requérante principale, donc, il faut que tu parles. Ce que je vous propose la semaine prochaine, c'est que toi, tu arrives une heure et demie après, à 8h, et toi [3INT], tu arrives à six heures trente. Donc moi, je travaille seulement avec toi pendant une heure trente et après tu arrives et on fait les deux ensemble. Ok? Toi, tu seras plus à l'aise. Ce que je veux[...] Ce à quoi je veux attirer votre attention, c'est... Je commence, je travaille, j'adore, j'espère. Ok? Si tu dis j'ai commencé, j'ai travaillé, j'espère, c'est tout au passé. Ok? Donc, je commence... et je commence à quelque chose. Je commence à faire les recherches... Ok? Michel, toi, je pense que [...] il faut, ah [...] mon épouse.
194. **Mic:** Mon épouse.
195. **Jan:** Ma épouse, on comprend bien, mais c'est mon épouse. Ok? Parce que même si c'est féminin, le substantif, y a une voyelle, donc tu dois mettre un e pour faire la liaison. Ahm [...] vous pouvez dire état, parce qu'au Brésil, c'est État, mais pour eux, c'est une Province. Donc si vous dites dans la province



du Rio Grande do Sul, ça veut dire que vous connaissez comment est-ce, comment ça marche au Canada et donc [INC]. Vous comprenez ce que je veux dire?

196. **Mic:** Aham...

197. **Jan:** Mais comme normalement les examinateurs, ils sont brésiliens, ils vont bien comprendre si vous dites État, mais quand même si vous dites province, ils vont dire “ahh, ils savent que là-bas, c'est province!

### TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

**DIA: 19 DE MAIO DE 2011**

**DURAÇÃO: 27'09"**

#### Códigos

**Jan:** entrevistadora

**Mic:** entrevistado

[...] : pausa para pensar

[RH]: tosse

[RS]: risos

[SIL]: silêncio

[DUV]: dúvida sobre o que acaba de falar

[INC]: incompreensível

[3INT]: 3a interlocutora

[EEE]: alongamento do [e] final, segundo a prosódia da língua portuguesa

1. **Jan :** Votre femme ?
2. **Mic :** Ma femme, elle a née [EEE] octobre quinze dix-neuf-quatre-vingt, não.
3. **Jan :** Et où ?
4. **Mic :** Deux. Quatre-vingt-deux. [RS]

5. **Jan** : Et où est-ce que vous êtes nés ?
6. **Mic** : Je suis né à Maceió, Alagoas<sup>143</sup>. Et ma femme, elle est née à Passo Fundo [DUV].
7. **3a inter** : Rio Pardo.
8. **Mic** : Rio Pardo, éé, Rio Grande do Sul.
9. **Jan** : Oui. Et vous habitez à Porto Alegre depuis quand ?
10. **Mic** : Ma femme habité à Porto Alegre tout la vie. Elle seulement est née à Passo Fundo.
11. **3a inter** : Rio Pardo. [RS] À Rio Pardo.
12. **Mic** : Rio Pardo. [RS] Seulement à Rio Pardo. Mais tout la vida, mais vit tout le temps à Porto Alegre. Et je fais déménage à Porto Alegre puis quatre, quatre ans et demi.
13. **Jan** : J'ai déménagé à Porto Alegre. Il n'existe pas faire déménage.
14. **Mic** : Pardon. J'ai déménagé.
15. **Jan** : Il n'existe vraiment. Jamais. J'ai déménagé.
16. **Mic** : J'ai déménagé.
17. **Jan** : À porto Alegre.
18. **Mic** : Oui.
19. **Jan** : Ok ? Ahm... Et quelle est votre adresse actuelle ?
20. **Mic** : Actuelle ? É. Je vivre avec ma femme. É, nous vivons à centreville de Porto Alegre. Rua Duque de Caxias, dois meia nove, deux meia, é, deux six neuf, appartement douze.
21. **Jan** : Et depuis quand vous habitez là-bas ?
22. **Mic** : Quatre ans et demi.
23. **Jan** : Ok. Votre femme aussi ?
24. **Mic** : Non, ma femme habite à cette adresse há dix<sup>144</sup> ans, quinze ans.
25. **3a inter** : Quinze ans, je pense.
26. **Jan** : Ok. Et vous êtes mariés?

---

143 Pronúncia segundo a prosódia da língua portuguesa.

144 Palatalização do [di].

27. **Mic** : Oui, mais [...] nous avons, é [...], ma, é [...], nous avons fait le mariage.  
Non. C'est. Non [...] Nous avons [...]
28. **Jan** : Nous nous sommes mariés.
29. **Mic** : Nous nous sommes. Nous nous sommes mariés depuis un an et demi. Plus ou moins.
30. **Jan** : Et vous vivez ensemble?
31. **Mic** : Mais nous [...] Non, je dis après qui nous vivons ensemble depuis quatre ans et demi.
32. **Jan** : Et vous avez des enfants?
33. **Mic** : Non. Mais, nous voudrions [...]
34. **Jan** : Deux, peut-être trois enfants. [RS]
35. **Mic**: [RS] C'est decor.
36. **Jan**: [INC]
37. **Mic** : Por que rigolez?
38. **Jan** : Parce que vous dites toujours ça. Ça c'est une marque. C'est bien ça. Ça veut dire que c'est vrai. Mais moi, chui habituée.
39. **Mic**: [RS]
40. **Jan** : Ahm [...] Vous avez des enfants? Non! Où est-ce que vous travaillez ?
41. **Mic** : Je travaille avec ma femme dans un entreprise. Dans un compagnie.
42. **Jan** : Une<sup>145</sup> compagnie.
43. **Mic** : Dans une compagnie à Porto Alegre. C'est une compagnie de publicité. Et aussi nous travaillons dans un projet de faire un portal de, des internet.
44. **Jan** : Ok. Sur internet. Sur internet.
45. **Mic** : Sur internet.
46. **Jan** : Et quelles sont vos tâches principales ?
47. **Mic** : É.. faire les portals sur internet. C'est programmer avec la langage...
48. **Jan** : Pro-gram-mer<sup>146</sup>.
49. **Mic** : Programmer. Pardon. C'est très vite.

---

145 Ao invés de [yn], o falante pronuncia [une].

146 Aqui, o locutor **Jan** fala a palavra especificando a separação de sílabas. O objetivo era de incitar o interlocutor a pronunciar claramente todas as sílabas.

50. **Jan** : Non [...]
51. **Mic** : C'est programmer dans un langage Csharpointnet et [EEE] aussi travailler avec le HM, HTML et tous les autres choses, avec les banques de données. Oui.
52. **Jan** : Et c'est...et qu'est-ce que vous faites pendant la journée ?
53. **Mic** : Nous commençan et fini ensemble. Nous commençons à huit heures. Huit heures et demi et [EEE] fini à six heures, sept heure da nuit.
54. **Jan** : Et comment est-ce que vous allez au travail, vous rentrez chez vous ?
55. **Mic** : Como ?
56. **Jan** : Comment ?
57. **Mic** : Nous march. Nous marchons... non. Nous utilise. Nous utilisons le autobus. Les bus.
58. **Jan** : Ok. Ahm. Combien d'années de scolarité vous avez ?
59. **Mic** : J'ai fait mon sécondiaire et mon primaire à Alagoas et c'est troisième. Trézième.
60. **Jan** : Treize ans.
61. **Mic** : Treize ans. Je pense que c'est treize ans.
62. **Jan** : Oui et est-ce que vous avez d'autres cours après l'école ?
63. **Mic** : J'ai fait après l'école un cours technique. Et la duration<sup>147</sup> c'est un an et demi. Et après j'ai commencé a université mais je n'ai pas fini. Parce que je ... Mon idée c'est finir à Québec.
64. **Jan** : Quel cours ?
65. **Mic** : Des informatiques.
66. **Jan** : D'informatique ? Ok. Ahm. Et vous avez de l'expérience? Vous travaillez sur quoi maintenant ?
67. **Mic** : J'ai travaillé. Après avec deux autres compagnies. Avec d'autres langages aussi.
68. **Jan** : Après ?
69. **Mic** : Avant.
70. **Jan** : Avant ? Et toujours à Porto Alegre?

---

147 O fonema [y] é pronunciado [u].

71. **Mic** : Oui.
72. **Jan** : Et avant ça, qu'est-ce que vous [...]
73. **Mic** : Avant quand je, avant quand je arrive.
74. **Jan** : Avant d'arriver.
75. **Mic** : Avant d'arriver, merci. Avant d'arriver à Porto Alegre, j'ai travaillé avec les ventes de matériel de construction et avant d'être chose. D'être chose ? De cette... D'être chose. Dessa coisa.
76. **Jan** : De cette chose.
77. **Mic** : De cette chose, j'ai travaillé avec le hardware que c'est la part de mécanique de l'informatique. L'informatique<sup>148</sup>.
78. **Jan** : Informatique. Et vous pouvez me parler de vous?
79. **Mic** : Ah. Je [...] je suis né à Maceió. Je suis vingt-six-ans. Je suis mariage avec Dani. J'ai travaillé beaucoup de choses différentes. J'ai travaillé avec les ventes, avec le support de hardware. J'ai travaillé aussi d'autres genres, pour exemple.
80. **Jan** : D'autres quoi ?
81. **Mic** : Genre ?
82. **Jan** : Genre<sup>149</sup>.
83. **Mic** : Genre.
84. **Jan** : Oui.
85. **Mic** : J'ai travaillé avec d'autres genres que c'est un modelo.
86. **Jan** : Modèle ?
87. **Mic** : J'ai travaillé à Maceió comme modèle. Des petites travaux. Tous les choses. J'ai commencé mon travail quand j'ai six ans.
88. **Jan** : Quand j'avais.
89. **Mic** : Quand j'avais six ans.
90. **Jan** : Six ans ?
91. **Mic** : Seze.
92. **Jan** : Seize.

---

148 Acentuou a sílaba -ma- ao invés da -ti-, como seria em francês.

149 A locutora Jan pronuncia lentamente a palavra, chamando a atenção para a vogal nasal.

93. **Mic** : Seize ans.
94. **Jan** : Ok. Et quels sont vos loisirs ?
95. **Mic** : Patinner. Faire le roller. Cuzi [...] Faire la cuisine<sup>150</sup>. J'adore faire la cuisine. Regarder les filmes. Regarder les sér. Manger [...] ééé [...] dans un restaurant avec Dani. Petites choses.
96. **Jan** : Ok. Et vous parlez anglais aussi? Ou seulement français?
97. **Mic** : Yes, I speak in English.
98. **Jan** : Ok. Et où est-ce que vous avez appris l'anglais ?
99. **Mic** : Pour moi même.
100. **Jan** : Ok.
101. **Mic** : J'ai commencé les études dans une école, mais seulement le basique et après j'ai commencé les jeux sur l'ordinateur avec les personnes d'Europe, des États-Unis, des autres pays que aussi parlent anglais et j'ai nécessité parler anglais aussi.
102. **Jan** : Ok. Et où est-ce que vous avez appris le français ?
103. **Mic** : J'ai commencé un cours pour immigrer au Québec é.. à Porto Alegre. Et j'ai fait un an et demi du cours et après j'ai étudié avec un professeur que c'est [...] vit [...] que connait le Québec et c'est quarante, non, quatre-vingt heures.
104. **Jan** : Heure de [...] de quoi ?
105. **Mic** : De cours particulière avec cette professeure com l'expérience au Québec.
106. **Jan** : Ok. Et le cours dans l'école, combien de temps ?
107. **Mic** : Un an et demi.
108. **Jan** : Ça fait combien d'heures ?
109. **Mic** : Oh. Je ne me souviens, mais je pense que c'est soixante heures, quarente, peut-être.
110. **Jan** : Dani, combien d'heures pour les cours privés ? Pour les cours dans l'école ?
111. **3a inter** : Dans l'école. Deux cents heures.

---

150 Pronuncia [ku] ao invés de [kyj].

112. **Mic** : Deux cents.
113. **Jan** : Et qu'est-ce que vous savez sur l'histoire du Québec ?
114. **Mic** : Je sais un peu d'histoire.
115. **Jan** : De quoi ?
116. **Mic** : D'histoire ?
117. **Jan** : Histoire ?
118. **Mic** : Un peu d'histoire du Québec. Je sais que o Québec c'est une province que valorise [...] valorise les gens et aussi que possède a éducation un des meilleurs éducation des Amériques<sup>151</sup>.
119. **Jan** : Des Amériques.
120. **Mic** : Des Amériques. Le sport national, c'est le hockey, l'animal national, c'est le castor. Ahm. Cyclovies, plus que cent quarante cinq. Quarent-cinq kilomètres de petites villes sou [...]
121. **Jan** : Souterraines.
122. **Mic** : Souterraines.
123. **Jan** : Et quelles sont vos raisons pour vouloir immigrer ?
124. **Mic** : Parce que nous deux travaillons avec l'informatique et notre payson. Payson ?
125. **Jan** : Passion.
126. **Mic** : Notre passion c'est les objets technologiques et ici au Brésil démorer beaucoup de temps pour... [INC]
127. **Jan** : Arriver.
128. **Mic** : Pour Arriver [EEE]. Et les prix aussi sont beaucoup différents. Mais ne [...] il n'y seulement pas. N'est pas seulement cette chose.
129. **Jan** : Quoi plus ?
130. **Mic** : L'éducation. [INC] Un peu l'éducation pour notre enfants.
131. **Jan** : Éducation c'est féminin ou masculin ?
132. **Mic** : Éducation. La éducation.

---

151 O locutor pronunciou a palavra de acordo com o código português, que coloca como sílaba tônica a sílaba acentuada. Em francês, a palavra *Amériques* é paroxítona.

133. **Jan** : L'éducation. Mais c'est une ou un bon...Bonne éducation.
134. **Mic** : Bonne éducation pour nos enfants. Aussi le système santé est meilleur qu'ici au Brésil et aussi la vie c'est proche de quelque chose que nous recherchons. Comme le style que la personne c'est différent de nous Brésiliens.
135. **Jan**: Ok. Et qu'est-ce que vous pensez du climat du Québec ?
136. **Mic** : J'adore le froid.
137. **Jan** : Mais le froid, c'est moins vingt?
138. **Mic** : Moins vingt, moins trente. J'ai d'expérience. Et je n'y a pas d'expérience avec cette température, mais je pense qu'il n'y a pas de problème parce que [EEE]. É [...] Au Canada c'est... possède le chauffage. Et possède la ville souterraine. La ville, c'est préparée pour le froid. Et au Brésil, il n'y a pas pour le froid, nem il n'y a pas pour le chaud.
139. **Jan** : Pour le chaud. Pour la chaleur. Ok. Et ahm [...] quand vous allez trouver un emploi au Québec ? Comment vous allez trouver un emploi au Québec ? Quels sites ?
140. **Mic** : Notre désir c'est commencer é [...] depuis un, deux semaines.
141. **Jan** : Depuis ?
142. **3a inter** : Pendant.
143. **Jan** : Après
144. **3a inter** : Eu tô, tô viajando.
145. **Mic** : Après ?
146. **Jan** : Après. Depuis, desde. Pendant, durante. Depuis...
147. **Mic** : Não, não. Depuis. Depuis deux semaines. É [...].
148. **Jan** : À partir.
149. **Mic** : À partir deux semaines après arriver au Québec. Et je pense...
150. **Jan** : Trouver un emploi après deux semaines?
151. **Mic** : Non. Nous avons pensé à rechercher. Pardon. Je peux reformer?
152. **Jan** : Oui!
153. **Mic** : Merci! Nous avons recherchons ici au Brésil avec la internet. Sur internet. Les emplois, mais je pense que un mois ou un mois et demi pour trouver



un emploi dans notre domaine et si ne trouve pas quelques chose, nous avons recherchons quelque chose plus bas.

154. **Jan** : Plus ?
155. **Mic** : Inférieure.
156. **Jan** : Inférieure ? Ok. Si nous avons recherchons... Tá frio aqui ?
157. **Mic**: Não sei por que, hoje eu tô com muito frio.
158. **Jan** : T'as froid aussi?
159. **3a inter** : Non.
160. **Mic** : [INC]
161. **Jan** : Tu veux que je ferme? Mais sinon on va pas [...]
162. **Mic** : [INC] Não, acho que na sala [INC]
163. **Jan** : Ah! Ok! Il laisse toutes les fenêtres ouvertes. Mais, Dani, nous avons recherchons. Comment est-ce qu'on dit ça bien ?
164. **3a inter** : Nous avons recherché.
165. **Jan** : Nous avons recherché, c'est le passé. Et le futur ?
166. **3a inter** : Nous allons rechercher.
167. **Mic** : [INC]
168. **Jan** : Tu comprends? Oui ? T'as compris? Ok ?
169. **Mic** : Les deux ensemble ?
170. **Jan** : Vous connaissez déjà le Québec?
171. **Mic** : Nous connaissons un couple qui vive au, à Toronto, mais aussi deux, deux couples qui passé les entrevues.
172. **Jan** : Deux couples qui... passado.
173. **Mic** : Qui passé.
174. **3a inter** : Qu'ils ont passé.
175. **Jan** : Qui ont passé.
176. **Mic** : Qui ont passé ici a entretien aussi vont... aussi ééé.
177. **Jan** : Ils vont.
178. **Mic** : Ils vont à Québec.
179. **Jan** : À Québec ? Dans la vile de Québec ?

180. **Mic** : Non, non. À Québec, la province.
181. **Jan** : Ah! Au Québec!
182. **Mic** : Au Québec.
183. **Jan** : Et qu'est-ce qu'ils font ? Qu'est-ce que le couple que vous connaissez au Québec, qu'est-ce qu'ils font ?
184. **Mic** : Le homme, il est ingénieur de informatique. La femme, elle est traducteur.
185. **Jan** : Traductrice.
186. **Mic** : Tradouctrice<sup>152</sup>.
187. **Jan** : Traductrice.
188. **Mic** : Traductrice.
189. **3a inter** : Fala elle travaille avec la traduction.
190. **Jan** : Voilà.
191. **Mic** : Elle travaille avec traduction.
192. **Jan** : Et qu'est-ce qu'ils ont dit sur le Québec ?
193. **Mic** : Ah [...] que c'est bon, ils dit que c'est mieux que Toronto.
194. **Jan** : Et ahm. Vous avez déjà visité le Canada?
195. **Mic** : Infelizment, non.
196. **Jan** : Infelizment, ça n'existe pas. Malheureusement.
197. **Mic** : Malheureuse, non.
198. **Jan** : Malheureuse-ment<sup>153</sup>.
199. **Mic** : Droga! Malheureusement. [RS]
200. **Jan** : Et ahm [...] Vos parents, est-ce qu'ils sont d'accord avec l'immigration ?
201. **Mic** : Oui, les deux supportent et ma belle-mère pense à visiter, peut-être déménager à [...]. Foi! Au Québec.
202. **Jan** : Et quels sont vos projets au Québec ?
203. **Mic** : Trouver emploi. Première chose. É. Et après commencer a université

---

152 O locutor **Mic** pronunciou a palavra muito lentamente, quase separando as sílabas.

153 **Jan** pronuncia a palavra lentamente, separando as sílabas.

et puis cinq ans.

204. **Jan** : Et après cinq [...]

205. **Mic** : Et après cinq ans, é, finir, commencer a l'université, commencer un mestrat ou un doctorai. Peut-être.

206. **Jan** : Master. Doctorat. Mestrat, mestrado. Ok ? Master. Doctorat

207. **Mic** : [...]

208. **Jan** : Et combien d'argent vous avez pour l'immigration ?

209. **Mic** : Notre deux. Non.

210. **Jan** : Nous deux.

211. **Mic** : Nous deux, c'est dix mille dollars, plus ou moins.

212. **Jan** : Et comment vous allez dépenser ça ?

213. **Mic** : Nous avons un budget, que c'est les troisième. Troisième, non. Trois premiers mois et après les six mois. Après les trois premiers mois et après les six mois.

214. **Jan** : Est-ce que t'es trop fatiguée ou tu veux faire un autre.

215. **Mic** : [...]

216. **3a inter** : Não, vamo pará.

217. **Jan** : Est-ce que tu peux me raconter un événement de ta vie d'enfance ?

218. **Mic** : Hum [...] Quelque chose ? Quelque chose spéciale ?

219. **Jan** : Non. N'importe quoi.

220. **Mic** : Je suis né à Maceió, mais mes premiers années, c'est à Brasília et j'ai déménagé à Recife après et j'ai vu à Recife pendant dix ans, plus ou moins et déménagé à Maceió.

221. **Jan** : Et qu'est-ce que tu faisais quand tu étais enfant ?

222. **Mic** : Ah [...] Je ne peux étudier, é [...] le basique.

223. **Jan** : Et est-ce qu'il y a un événement spécial ?

224. **Mic** : [SIL] [SIL] [SIL] Je pense pas.

225. **3a inter** : Non. Le jour que tu gagné un grand ceste.

226. **Mic** : [INC] ce n'est pas de mon enfance. Mais un jour que j'ai gagné mon cyclo. C'est un jour de ma enfance.

227. **Jan** : Ta bicyclette ? Et qu'est-ce que tu as fais ce jour ?
228. **Mic** : Mon père demandé que je vas aider ma mère à retirer la sac de la nourriture et quand je arrive à voiture, c'est ma bicyclette que c'est à la bagage.
229. **Jan** : Et après qu'est-ce que tu as fait ?
230. **Mic** : Tombé. Parce que j'ai tenté marcher sur la bicyclette.
231. **Jan** : Tu as tenté de quoi?
232. **Mic** : J'ai tombé parce que j'ai comencé à marcher sur le bicyclette.
233. **Jan** : Ah! Et tu avais quel âge ?
234. **Mic** : Six, peut-être cinq.
235. **Jan** : Ok. Et tu allais souvent à la plage?
236. **Mic** : Oui, j'ai vu quase, é presque tout la vie à, proche de la plage.
237. **Jan**: Oui, mais tu y allais souvent ? Tu peux vivre proche de la plage mais [...]
238. **Mic** : Je lê très peu.
239. **Jan** : Ah! Voilà! Voilà! [...] Et pourquoi tu dis que la plage va te manquer ?
240. **Mic** : Parce que je suis acostumé avec le parfum de la plage. Parce que je ne sais pas comment se dit cheiro en français.
241. **Jan** : Odeur. Odeur. L'odeur.
242. **Mic** : L'odeur de la plage. Parfum é uma coisa muito romântica. [...]
243. **3a inter** : Plus romantique.
244. **Jan** : Et comment tu vas vouloir élever tes enfants ?
245. **Mic** : Ahm. Nous pensé en enseigner anglais, portugais, [...] français quand il sont très petits et aussi coloquer... Coloquer, non. Coloquer n'y pas existe.
246. **Jan** : Non.
247. **Mic** : [...] Montrer ? Mettré?
248. **Jan** : Mettre<sup>154</sup>!
249. **Mic** : Quase! Mettre les deux, peut-être trois [RS], dans un école de

---

154 Entre a pronúncia dos verbos *mettre* e “mettré” há diferença na sílaba tônica: enquanto a primeira forma é paroxítona, a segunda é oxítona.

natation que je ne me souviens pas comment se dit en français.

250. **Jan** : Natation.
251. **Mic** : Natation ?
252. **Jan** : Natation. Et ta relation avec tes enfants, est-ce que tu vas jouer avec eux ? Tu vas être trop sérieux?
253. **Mic** : Non, je suis un bon professeur. Je pense en enseigner les deux ou trois le foot, le baseball.
254. **3a inter** : Maths.
255. **Mic** : Non, non, c'est toi. Je vais enseigner geographie, histori.
256. **Jan** : Histoire.
257. **Mic** : Histoire. Ahh!
258. **Jan** : Et comme ça a été tá relation avec ton père ?
259. **Mic** : C'est bonne.
260. **Jan** : Oui ?
261. **3a inter** : Oui ?
262. **Mic** : J'ai traumatisé mais c'est bonne. [RS]
263. **3a inter** : [RS] Ok.
264. **Jan** : Pourquoi tu es traumatisé ?
265. **Mic** : Ahhh! Quelque chose de la vie.